



Artigos sobre Ideias e Pensamentos

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL

ARTIGOS SOBRE IDÉIAS E PENSAMENTOS

(SÉRGIO BIAGI GREGÓRIO)

I — IDÉIAS E PENSAMENTOS

Idéia: Matéria-Prima do Filósofo

Idéias e Pensamentos

Pôr Ordem nos Pensamentos

Pensamento e Autodeterminação

Pensamento e Mudança Social

Pensamento e Televisão

Do Alto

Ser e a Metafísica, O

Centro e a Periferia, O

Sentimento: Uma Forma de Ver

Ser e o Fazer, O

Valor e Juízo de Valor

Tempo Julga Tudo, O

Virtual e o Atual, O

Volta ao Trabalho Intelectual, A

II — CIÊNCIA E FILOSOFIA

Origem do Conceito de Filosofia

Método Filosófico, O

Etapas da Metodologia Filosófica, As

Linguagem e Filosofia
Princípios Filosóficos e Científicos
Racionalidade Filosófica e Racionalidade Científica
Universo e Filosofia
Genealogia da Ciência
Ciência e Ciências
Revolução Científico-Tecnológica
Filosofia do Século XX e sua Repercussão no Brasil, A
Filosofia Social e Filosofia da Ciência Social
Permanência e Transição

III – VERDADE E LIBERDADE

Verdade não Admite Contestação, A
Marcha da Verdade
Liberdade
Liberdade, Doutrinas Filosóficas e Religião
Dever e a Mutilação da Liberdade
Averso da Liberdade

IV – DISTÚRBIOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO DA VONTADE

Ansiedade
Solidão
Violência
Drogas
Violência e Educação
Educação da Vontade
Vontade – Esforço e Repouso
Vontade Humana e Vontade Divina
Perfeição Significa Imobilidade?

V – SOBRE O MITO

Mito
Mito e Mística
Mito e o Ritualismo Moderno, O
Mytho e o Logos, O
Simbiose Mito/Logos, A
Mitos e as Suas Simbologias, Os
Nova Era
Cortejo Papal É uma Espécie de Idolatria?
Alegoria do Novo Mundo
Caverna de Platão: Pequena Reflexão

VI – SOBRE O TAOÍSMO

Taoísmo
Princípio Único
Taoísmo e os seus Paradoxos, O
Pensamento Ocidental e o Taoísmo, O

Idéias e pensamentos

IDÉIA: MATÉRIA-PRIMA DO FILÓSOFO

O filósofo é um trabalhador, não um trabalhador braçal, mas um trabalhador intelectual. Enquanto o trabalhador braçal transforma os recursos naturais em produtos de utilidade para o lar e a sociedade, o trabalhador intelectual transforma as idéias, que são a sua matéria-prima. O produto final do filósofo é um melhoramento de sua compreensão do mundo, das pessoas e das coisas que o rodeiam.

O que são as idéias? Em sentido geral, idéia é algo que se passa em nosso cérebro. Elas surgem, ficam por algum tempo e desaparecem. Por isso, costumamos anotá-las, para que não se percam no esquecimento. Há idéias e idéias. O filósofo procura trabalhar com idéias que duram para sempre. Os seus temas preferidos são: Deus, Espírito, Matéria, Cosmovisão, Justiça, Liberdade etc. É refletindo sobre esses temas que aumenta a sua visão de mundo.

As idéias estão disseminadas no tempo e no espaço. Podem ser comparadas às coisas que existem. O trabalho do filósofo é transformar essas coisas ou idéias em objeto de conhecimento. Enquanto coisas, o conhecimento está disperso, confuso e vago. Para que ele se torne objeto de conhecimento, há necessidade de apreendê-lo. Para que isso se concretize, a mente deve se concentrar no tema em questão, a fim de tirar dele todo o conteúdo de aprendizagem.

O pensamento, tanto quanto as idéias, não pára. Ele está sempre em movimento. Podemos nos deixar guiar pela nossa imaginação, pelos pensamentos dos outros ou pelo alheamento da realidade. Para o filósofo, contudo, o que tem valor é a construção do seu próprio pensamento. Não importa de onde tenha vindo a idéia inicial, pois tanto faz que a mesma tivesse brotado de um homem medíocre ou de um homem famoso. O seu trabalho consiste apenas em verificar se esse primeiro estímulo é viável de se tornar um objeto de conhecimento. Depois disso, parte para o trabalho.

Aprender a aprender é uma das grandes questões posta pelo filósofo. Como ele trabalha com ela? Observando e refletindo sobre o conhecimento e a maneira como o está assimilando. Começa sempre com o "aprender a desaprender", ou seja, procura, primeiramente, libertar a sua mente dos erros, dos preconceitos e dos automatismos, a fim de que o seu espírito possa alcançar uma transcendência em toda a situação em se defrontar.

Aprendamos com os filósofos: tomemos arbitrariamente qualquer tema e verifiquemos se é útil ao nosso espírito. Depois, coloquemos-nos a caminho para extrair dele toda a profundidade que ele merece.

14/2/2007

IDÉIAS E PENSAMENTOS

Os filósofos gregos da Antigüidade, entre os quais Sócrates, Platão e Aristóteles, forneceram-nos as duas grandes teorias filosóficas: racionalismo e empirismo. Os racionalistas sustentavam que as idéias do homem eram inatas, sendo que a experiência servia apenas para despertá-las na consciência; os empiristas afirmavam que o espírito não tem idéias próprias, e por isso contemplava o mundo através das janelas dos sentidos. A Filosofia é, através dos tempos, uma discussão entre as várias formas dessas duas grandes vertentes do pensamento.

Os filósofos medievais, principalmente Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, acrescentaram ao conhecimento pela razão e ao conhecimento pelo sentido, o conhecimento revelado por Deus através da fé. Assim, conquanto os filósofos cristãos aceitassem a verdade dupla — uma pela pesquisa e a outra pela fé —, é evidente que se julgava o conhecimento originário da revelação divina superior ao oriundo da experiência. O resultado natural era que a razão humana estava sendo constantemente corrigida pela Igreja. Quer dizer, qualquer esforço do pensamento humano era insuficiente para suplantar a autoridade da Igreja, a detentora da verdade.

À medida que o homem começou a adquirir confiança em si, colocou em cheque a autoridade divina da Igreja. Galileu, por exemplo, dizia que todas as idéias devem apoiar-se em observações e experiências. Francis Bacon, por seu turno, alertava aos homens para se desembaraçarem dos ídolos ou preconceitos e falsos pontos de vista e observassem o mundo atentamente. Descartes, em sua lucubração filosófica, achava que o indivíduo devia partir de premissas que não podiam ser contestadas. Estabeleceu, assim, o princípio fundamental do pensamento, que todas as idéias verdadeiras devem ser claras e distintas.

Apesar da ingerência da Igreja, no sentido de firmar o conhecimento pela revelação, o progresso da Filosofia continuou com a luta entre racionalistas e empiristas. Locke dizia que todas as idéias vêm ao indivíduo através da experiência dos sentidos. Para ele, o espírito é uma tabuinha em branco, em que marcam os caracteres da existência. Berkeley discordou de Locke dizendo que não podemos conhecer coisa alguma além daquilo que esteja no espírito. David Hume, discordando de Locke e Berkeley, diz que temos idéias, mas não sabemos de onde elas vêm. Leibnitz, por sua vez, discordou de Locke, Berkeley e Hume, afirmando que a mônada é autônoma e não pode ser afetada ou influenciada de fora.

Embora a filosofia moderna siga as pegadas dos pragmatistas, isto é, discuta sobre o pensamento apenas por aquilo que ele possa fornecer de utilidade para a resolução de um problema, nada nos impede de questionar como surgem e desaparecem os pensamentos de nossa cabeça.

Fonte de Consulta

FROST JR., S. E. *Ensinos Básicos dos Grandes Filósofos*. São Paulo, Cultrix.

Fevereiro/2002

PÔR ORDEM NOS PENSAMENTOS

Um tema, embora confuso na sua origem, deve ser apresentado de forma ordenada. O orador, ou o escritor deve constantemente cuidar para engatar o vagão de seu pensamento ao de seus ouvintes. Pôr ordem nos pensamentos exige um esforço de se ter uma tese, os silogismos que daí dimanam e uma conclusão. Em outros termos, anunciar o tema, desenvolvê-lo logicamente, para depois concluir com mestria.

Por que devemos definir os termos? A definição mostra que o orador ou escritor está preocupado com o real significado das palavras usadas. Definir não é uma artimanha intelectual, como muitos pensam, mas um senso de responsabilidade para com aqueles que estão na outra ponta do texto ou do discurso. Às vezes, queremos falar de modo empolado, como por exemplo, a "laicidade é um princípio democrático". Mas o que significa laicidade? Será que o sabemos? E as pessoas que nos estão escutando?

A origem do conhecimento é universal, confuso, o que não quer dizer misturado. Todos temos uma idéia geral de Deus, do Universo, do homem e da planta. Para compreendermos melhor estes termos, saibamos dividi-los, ou seja, partamos sempre da idéia geral para as particulares, para os detalhes. Este princípio da aprendizagem implica outro princípio, que é o do passar do conhecido para o desconhecido. O conhecido é o geral; o desconhecido, o detalhe.

A opinião revela certa preguiça mental. Quando nos colocam um texto difícil ou com o qual não nos simpatizamos, imediatamente o deixamos de lado e vamos ao encontro de outras leituras mais acessíveis. A opinião, na maioria das vezes, representa apenas o nosso modo de pensar sobre uma coisa e não a coisa em si. Não nos expressamos de acordo como a coisa é, mas sim de acordo com aquilo que julgamos ser, com aquilo que só tem valor para nós. Não nos rendamos a esse modo de pensar, porque esse procedimento de maneira alguma nos conduzirá à descoberta da verdade.

De que vale assistir à TV, ler um artigo de jornal, um texto literário e não reter nada do que viu ou ouviu? Não será perda de tempo? Para obtermos as informações úteis e necessárias, convém observamos tudo de forma bem ampla, ou seja, extrair do momento presente tudo o que ele possa nos fornecer. Caso estejamos cansados, procuremos um outro tipo de atividade, especialmente aquela que nos distraia. Contudo, o esforço maior deve ser alocado para a obtenção de conhecimento, pois a vida é breve e deveremos prestar contas das horas que passam.

No exercício de pensar, escrever e falar há sempre novas técnicas a serem aprendidas. Tenhamos a coragem de procurá-las, absorvê-las e colocá-las em prática em nosso dia-a-dia.

Março/2006

PENSAMENTO E AUTODETERMINAÇÃO

Pensamento é a seqüência de representações e conceitos. Não pertence ao tempo nem ao espaço. São generalizações que permanecem virtualizadas em nossa mente. O **ato de pensar**, como ato, é sempre novo, ou seja, é a atualização temporal e espacial do conceito. Exemplo: o círculo, como conceito, é sempre o mesmo. Ao pensarmos uma, duas, três... Ene vezes sobre essa figura, cada uma delas será, para nós, sempre nova. Este é o sentido da evolução criadora de Bergson. Para ele, todo o momento é criativo, porque nunca o vivenciamos anteriormente.

Há várias maneiras de pensar. A científica caracteriza-se pela disciplina e seriedade. É aquela em que o indivíduo conduz seus pensamentos de forma rigorosa, impedindo que a indisposição, a imaginação e a contrariedade obstruam o caminho que leva ao fim colimado. O verdadeiro cientista não mede esforços para observar os **elementos dados**, como, também, o de deduzir logicamente sobre os **elementos não dados**. A busca das causas é o móvel de suas perquirições.

Apesar dos cuidados, há os perigos da ciência, principalmente daqueles cientistas que opinam sobre assuntos alheios à sua especialidade. É o caso do médico que, depois de dissecar o cérebro do homem, concluiu que este não tinha consciência, porque nada encontrara. Além disso, devemos considerar que a ciência é elaborada de acordo com as evidências empíricas dos prováveis. Portanto, se uma nova descoberta surgir, devemos renunciar à teoria anterior.

A autodeterminação expressa a essência do ser. É o poder que temos de atualizar nossas virtualidades. O pensamento científico auxilia, mas são os aspectos psicológicos, ideológicos, religiosos e filosóficos que emprestam o maior peso à nossa deliberação na vida. As virtualidades podem ser **ativas** e **passivas**. Se **ativas**, já estão determinadas de uma forma; se **inativas**, sabemos que estão em ato sob uma forma, mas que podem ser assumidas de outra forma, isto é, que são especificamente diferentes do que podem ser.

O autodidatismo - aquele que ensina a si mesmo - ajuda-nos a compreender este tema. Logicamente, não estamos nos referindo à radicalidade do termo, pois, sem crítica, podemos nos enveredar para os erros de concepção. Queremos, sim, salientar os inauditos esforços na construção do conhecimento, especialmente, daquelas mentes privilegiadas, que amadureceram seus espíritos à luz das constantes pesquisas e das graves reflexões.

Pensem, ponderemos e confiemos nas virtualidades de nosso ser. Talvez não percebamos de pronto, mas cada um de nós se converterá naquilo pelo qual se troca.

Fonte de Consulta

BOCHENSKI, J. M. *Diretrizes do Pensamento Filosófico*. 5. ed., São Paulo, EPU, 1973.

Agosto/1995.

PENSAMENTO E MUDANÇA SOCIAL

Por onde começa um pensamento? Por um sentimento? Por uma situação? Por interferências ocultas? Não o sabemos ao certo. Contudo, ele se nos apresenta e permanece conosco durante algum tempo. Assim, mesmo conhecendo a sua origem, podemos supor três fases de seu desenvolvimento: 1.^a) o mundo afeta o nosso pensamento; 2.^a) o mundo e os nossos sentimentos afetam o nosso pensamento; 3.^a) somos levados à prática de uma ação, que embora pessoal, não deixa de ter repercussão no social.

Estarmos envoltos com pensamentos é pressupormos mudança, quer seja para melhor ou para pior. Se escolhermos aqueles pensamentos que tendam para o bem, o resultado será uma boa ação; se escolhermos os pensamentos que tendam para o mal, o resultado será uma má ação. Em outras palavras, quando formos inseridos numa determinada circunstância, teremos inevitavelmente uma experiência, a qual será um requisito básico para a próxima circunstância. Mudamo-nos sem o percebermos.

Quando nos mudamos, o mundo também muda. Cometemos um grande erro se, depois de nos modificarmos em certo aspecto, acharmos que o mundo não mudou. Observe o campo do relacionamento humano em que, depois de passados longos períodos de tempo, o ofensor e o ofendido já não mais se digladiam: o tempo os modificou. Por isso, o cuidado de não nos chafurdarmos na situação presente, pois ainda não somos capazes de perceber a amplitude dos efeitos educacionais que os sofrimentos atuais engendram em nossa alma enfermiça. Quem sabe não estamos sendo lapidados em nosso orgulho e em nossa vaidade?

Um mesmo estímulo pode gerar respostas diferentes. Tomemos como exemplo a faca e a pedra. Se batermos a pedra na faca, estragaremos o seu corte; se, ao contrário, pegarmos essa mesma pedra e passarmos levemente em seu corte, teremos uma faca afiada. Quer dizer, a pedra é a mesma, o que modificou foi o uso que dela fizemos. Semelhantemente são as nossas palavras: dependendo do modo como as proferimos, podemos levantar as almas às alturas celestes ou rebaixá-las às profundidades do pântano.

Quando sentimos e pensamos somos seres aptos a transformar a sociedade. Karl Marx, filósofo materialista, falava que até aquele momento (sua vinda a este Planeta) os filósofos não haviam mais do que exercitado o pensamento. A partir daquela data, deveríamos passar à ação, no sentido de transformar a sociedade. Preconizou, assim, baseado nos estudos históricos, transformar o capitalismo em socialismo, onde se alcançaria a igualdade entre todos os seres humanos.

O nosso pensamento não tem limites: o temor e o amor convivem conosco diuturnamente. Cabe-nos, assim, administrá-lo conveniente para que não descambe nem para o pessimismo exagerado nem para o otimismo irreal.

Fonte de Consulta

LEVY, H. *Social Thinking*. London, 1945.

Maio/2000

PENSAMENTO E TELEVISÃO

Jerry Mander, em *Quatro Argumentos para Acabar com a Televisão* – 1) mediatização da experiência; 2) colonização da experiência; 3) os efeitos da TV sobre os indivíduos; 4) limitações inerentes à TV –, pela editora Antígona, torna público suas reflexões, não muito otimistas, sobre este meio de comunicação social. No meio de seu livro afirma que "A publicidade vende-nos algo de que não precisamos, para o que necessitamos não há necessidade de propaganda, desde que haja o produto no mercado". Anotemos algumas de suas idéias.

A televisão anestesia, controla e separa as pessoas. Os programas televisivos assemelham-se ao telescópio, que percorre os céus à procura de algum objeto. Uma vez obtido, pára e o foca com mais detalhes. As lentes da televisão estão vagando pelo universo dos acontecimentos. Há uma briga no fim da rua. Elas vão até lá, captam aquele detalhe, dentre muitos outros, e o torna uma informação universal, transmitindo-a num horário, chamado nobre, no sentido de atingir o maior número de pessoas possível.

A televisão funciona como uma espécie de lavagem cerebral. Ela *ocupa* a mente; não constrói pensamentos. Ao contrário, impede-nos de pensar. Nós, como telespectadores, não temos condições de argumentar, mas somente de escutar. Os programas televisivos pegam todas as pessoas, num mesmo horário, e determinam o que elas devem ver e ouvir. A TV não distrai, porque, ocupando a nossa mente, deixa-nos exaustos e não retemperados.

A mente que fica presa a uma única idéia, a uma única atividade, acaba por embotar-se. As imagens televisivas penetram a nossa mente e não a deixam mais. O nosso cérebro não tem capacidade de saber o que é e o que não é nosso. Aceitando uma imagem, ela funciona como se fosse nossa. Elas penetram, sem pedir licença e, depois, não saem mais. O autor pede para fazermos um exercício: leiamos um livro e assistamos ao filme que retrata o livro. Que imagem ficará em nossa mente? A do livro ou a do artista? Certamente será a imagem do artista ou da artista.

As crianças estão cada vez mais tendo dificuldade de memorizar e de colocar o seu pensamento no papel. Tudo para elas é artificial, imaginativo. Chegam até

a perguntar como o homem construiu o monte Everest. Estamos vivenciando um mundo virtual. Com isso, perdemos a noção de distância, de tempo. Exemplo: peguemos o nosso carro e percorramos uma determinada distância. Depois, façamos o mesmo trajeto a pé. De carro, parece que a distância é enorme; a pé, não é tanto assim. O automóvel tirou-nos o senso de distância e de proporção do tempo.

Reaprendamos a assistir à televisão. Tenhamos consciência de que o tempo que passamos em frente à mesma pode ser mais bem aproveitado: escrever poesias, anotar o que se passou conosco durante o dia, refletir sobre as coisas espirituais etc.

23/2/2007

DO ALTO

A origem das idéias é por nós desconhecida. Alguns falam em intuição; outros, em inspiração. Muitos descrevem essa absorção, quando feita rapidamente, como sendo obra de psicografia. Talvez seja mais interessante aprofundar aquilo que sabemos do que buscar a origem do saber. Por mais que pesquisemos não chegaremos a descobrir o mistério da Divindade. As idéias deveriam ser comparadas à luz. Quando aumenta a luz cresce a luminosidade e as coisas que estavam no escuro aparecem.

Há idéias de todos os matizes: boas e ruins, centralizadas e descentralizadas, confusas e coerentes. Na absorção delas, cabe-nos aplicar o filtro da crítica. Lembremo-nos dos ensinamentos do apóstolo Paulo: ele dizia que poderíamos provar de tudo, mas deveríamos ficar com aquilo que fosse bom. O mundo está cheio de atrativos: moda, política, futebol, sexualidade etc. Isso tudo não pode ser ignorado, mas convém sopesar bem aquilo que deve estar sob o nosso controle para que não percamos o tempo precioso, que deveria estar sendo usado em prol do nosso progresso espiritual.

A produção de pensamentos sadios não é tarefa fácil. No campo da mineração, precisamos cavar muita terra para encontrar ouro; no campo da sabedoria, somente um aprofundamento refletido pode nos conduzir à descoberta da verdade, da verdade que se esconde por detrás da realidade. Por isso, nada de desânimo quando as coisas exteriores não funcionarem segundo as nossas expectativas. O importante é estar inteiro naquilo que estivermos fazendo, pois o tempo passa rapidamente.

O conhecimento adquirido não deve permanecer blindado, oculto; ele deve servir à humanidade. Nesse particular, a passagem evangélica "não há nada encoberto que não venha à luz" é muito elucidativa. Chegará o momento em

que seremos chamados a prestar contas de tudo aquilo que temos feito, quer seja coisa boa ou ruim. A lei de causa e efeito funciona e dela não podemos estar isentos. É uma lei natural, concernente a todo o ser humano. Mais cedo ou mais tarde seremos punidos pelos erros cometidos e agraciados pelos acertos realizados.

Na percepção das coisas vindas do alto, procedamos como a semente que germina e produz ramos, folhas, flores e frutos diversos. O pensamento que pensa deve produzir conhecimentos diversos. Uma vez apreendido esse conhecimento, temos também o dever de transmiti-los aos demais seres humanos. Aqui se deve aplicar o ensinamento de Jesus que exorta-nos a dar de graça o que de graça recebemos. Somente num estado de humildade para com Aquele que nos criou, poderemos produzir o conhecimento certo para os ouvidos que nos ouvem e os olhos que nos vêem.

Estejamos sempre com os nossos pensamentos voltados ao Alto. É de lá que partem as idéias mais nobres sobre a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Abril/2006

O SER E A METAFÍSICA

A filosofia é a área falante por natureza. É através dela que o homem aprende a pensar. Contudo, para pensar bem, terá de cavar muita terra, pois o verdadeiro conhecimento não se encontra na superfície, mas no fundo.

No questionamento do ser surge a **metafísica**. Mas o que se entende por *metafísica*. É simplesmente algo além da física, como parece indicar a etimologia da palavra? Não. De acordo com os filósofos da antiguidade, a *metafísica* diz respeito aos primeiros princípios, o *arché*, o primeiro motor. Lembremo-nos de que na antiguidade não se falava em metafísica. O termo surgiu na Idade Média para significar a "ciência que contém os primeiros princípios do conhecimento humano".

Na perspectiva histórica, Sócrates foi o primeiro filósofo a tratar das causas primeiras. Até a sua vinda, buscava-se o conhecimento fora do indivíduo; com ele, para dentro de si mesmo, como atesta a sua famosa frase: "conhece-te a ti mesmo". A contribuição de Sócrates, ao estudo da metafísica, deu-se em dois momentos: *ironia* e *maiêutica*. Na *ironia* buscava a apreensão do verdadeiro conhecimento contido nas palavras; na *maiêutica*, procurava produzir um novo conhecimento das palavras. No momento inicial, confundia; depois, dava à luz uma nova idéia.

Platão foi o segundo filósofo a dar a sua contribuição. Em seu mito da caverna elucida a questão. Para ele, a humanidade vive dentro de uma caverna, cuja simbologia é opinião, falso saber, aparência da realidade. Para penetrar na realidade das coisas, as pessoas precisam sair das sombras, e ir ao encontro da luz, entendida por ele como idéias. Assim, o sistema filosófico platônico

consiste no discurso das idéias. Discurso que mostra as formas ou os aspectos em que o ser se revela. Sua filosofia tornou-se conhecida como a filosofia das idéias.

Aristóteles, o terceiro filósofo que contribuiu para a compreensão da metafísica, chamava-a de filosofia primeira: *philosophia prôte* (cf. *Met.*, I, 2, 928a, 4). A *substância* constitui o conceito fundamental da metafísica aristotélica, por que diz *como* o ser aparece e consiste em si. A *substancia* denota uma *forma de presença* clara e distinta, independente no ser, dotada de força própria (*dýnamis*). A toda presença autônoma no ser e no agir, Aristóteles chamava de substancia (*ousía prôte* = presença em sentido próprio).

A questão do ser é a base da filosofia. Ele assume papel relevante na metafísica, pois o ser, em qualquer situação em que for colocado, será o ponto central e fundamental de toda a argumentação.

Fonte de Consulta

BUZZI, Arcângelo R. *Introdução ao Pensar: O Ser, o Conhecimento, a Linguagem*. 28. ed., Petrópolis, Vozes, 2001.

Junho/2002

O CENTRO E A PERIFERIA

O homem é um animal racional. Esta definição evoca uma diferença específica, ou seja, a racionalidade distingue-o dos demais animais. Partindo-se dessa generalidade e apoiando-se exclusivamente na razão o homem acaba cometendo uma série de erros. Observe, por exemplo, as lucubrações de Descartes no seu **cogito ergo sum**, em que descobre Deus através da razão. Esquece que primeiro o homem sente Deus para depois racionalizá-lo.

O ser depois de ter penetrado na fase humana, em que adquire a razão, o livre-arbítrio e o pensamento contínuo começa a ter idéias. Inicialmente, capta-as de forma **folk**; e somente depois, de forma reflexiva. O método teórico experimental das ciências naturais, em que a razão é sublimada, acaba levando muitos cientistas a endeusá-la, criando um saber extremamente especializado, desconectado do **todo** que a filosofia sugere.

Ter o homem o seu próprio centro não é tarefa fácil. Geralmente pensamos o que os outros pensam ou pensamos o que eles querem que pensemos. Agindo assim, estaremos demorando-nos na periferia do nosso eu. Ler, informar-se e conhecer o que os outros pensam, não constituem demérito algum. O problema está em, a partir daí, começar a ter idéias próprias, pensar pela própria cabeça e criar a própria personalidade.

A construção do nosso próprio centro deve ser enfatizada. Na atualidade, não podemos mais alegar desculpas para fugirmos de nós mesmos. Repetirmos o que os outros dizem é fácil, porque não cria contradição. Porém, atendermos à voz da nossa consciência exige esforços hercúleos, pois o **entrar pela porta estreita** a que se refere o Evangelho não é caminhar pelas facilidades da vida, mas, sim, seguirmos por uma estrada cheia de precipícios e de emboscadas, tendo a plena convicção de sairmos vencedores.

A vida em sociedade compõe-se de muitos e variados relacionamentos. Um homem não pode atender a todos os chamados, a todos os pedidos, ou estar em todos os lugares. Por isso, a disposição de dizer não quando se deve dizer não e dizer sim quando se deve dizer sim é extremamente valiosa. Isso auxilia a ficarmos dentro do nosso centro, porque só atenderemos àquilo que condiz com o cumprimento de nossos deveres. O que não fizer parte de nosso projeto de vida deve ser banido incontinentemente.

Agrademo-nos sempre a nós mesmos. Somente assim edificaremos o nosso centro e este será o nosso apoio para o resto de nossa existência.

Fevereiro/1997

SENTIMENTO: UMA FORMA DE VER

O **sentimento** é a maneira como nós percebemos. É uma espécie de sexto sentido, que engloba e dá direção aos outros cinco. É a resposta aos estímulos do meio ambiente. É a reação mais direta à nossa percepção. O pensamento é muito mais um modo indireto de enfrentarmos a realidade do que o sentimento. Desta forma, o fato não é exatamente o que ele é, mas, sim, o reflexo dos olhos que o observam.

O ódio e o amor, a dor e o prazer, a ansiedade e a serenidade são, dentre muitos, alguns dos nossos mais corriqueiros sentimentos. Como vemos, há sentimentos negativos e sentimentos positivos. A própria sociedade é contraditória na ordenação dos nossos sentimentos: uma hora diz-nos para confiarmos em nós mesmos, para irmos em frente, para fazermos o nosso próprio destino; ao mesmo tempo, fala para nos conformarmos com a realidade das coisas, para nos submetermos às circunstâncias.

Anotemos o significado de alguns tipos de sentimento: 1) **mágoa** é sentimento de perda de alguma coisa. Quanto mais importante a perda, mais profunda a mágoa; 2) **ansiedade** é o *medo* de ser magoado ou de perder alguma coisa. Quer o medo seja real ou imaginário, a *sensação* é a mesma; 3) **raiva** é o sentimento de ser irritado, ofendido, posto de lado, molestado, importunado; 4) **culpa** é sentimento de ser indigno, mau, ruim, cheio de remorsos, auto censurável, detestando-se a si mesmo; 5) **depressão** é o sentimento de estar "esquisito", infeliz, melancólico, "na fossa".

Para uma vivência plena, os sentimentos devem ser conscientizados, sem a idéia de defesa, de esquívamento, de sonegação. Para isso, forçoso nos é tornarmos-nos uma pessoa franca e aberta, expressando-nos tais quais somos sem subterfúgios de espécie alguma. Nesse sentido, todo o assunto, todo o fato é passível de discussão, de análise: tanto a dor quanto o prazer devem ser tratados de modo semelhante. Se assim fizermos, vamos nos distanciando do nosso egocentrismo e aproximando-nos do cristocentrismo.

A transcendência do espírito fundamenta-se na sensibilidade ao novo. O passado, o presente e o futuro fazem parte do nosso consciente. Do passado recebemos a memória de nossas boas e más ações. Do futuro recebemos a intuição sobre o medo do "inferno" e a felicidade plena no "céu". Acontece que o único tempo real é o presente. Desta forma, convém não nos chafurdarmos no passado delituoso, nem vivermos com o pensamento voltado para as beatitudes do paraíso.

Respondamos total e globalmente a cada estímulo recebido. Não deixemos que a mágoa, a raiva e o ressentimento consumam as nossas forças criativas. Vivamos o momento presente com total independência de espírito, e esperemos os acontecimentos da vida.

Fonte de Consulta

VISCOTT, DAVID STEVEN. *A Linguagem dos Sentimentos*. Tradução de Luiz Roberto S. S. Malta. São Paulo: Summus, 1982.

Agsoto/2003

O SER E O FAZER

O que é o ser? O que somos no momento atual? Estamos fazendo do "fazer" uma rotina ou uma atividade refletida? As nossas ações são conseqüências de nossa vontade ou da vontade alheia? Até que ponto aquilo que consideramos útil é realmente útil? Agimos de conformidade com o conceito ou com o preconceito? Vemos somente a linha ou conseguimos vislumbrar as entrelinhas? Além do texto, observamos o contexto?

O "ser" de uma forma geral evade-se do "real". Ora pela fabulação e ora pela rotina. Pela fabulação, cria um mundo mágico, de fantasias e sente-se seguro nessas lucubrações. Pela rotina, age de conformidade com os clichês automatizados, sem perspectiva de inovação. Exemplo: todos os dias fazemos um trajeto para nos dirigirmos ao local do trabalho. A maioria de nós só muda esse trajeto quando acontece um desastre ou um congestionamento muito intenso, inviabilizando o prosseguimento no mesmo caminho, caso contrário continuaríamos por ele.

Para "sermos" e "fazermos" precisamos adquirir não só o direito de liberdade como também o dever de liberdade. Ouvimos constantemente a frase: "Todos

têm direito à liberdade". Mas qual o significado de liberdade? Seria agir de conformidade com a consciência de cada um? Se assim for, estamos cuidando da formação de nossa consciência? Nota-se que a formação de uma consciência implica em ter responsabilidade, portanto, em ter conhecimento e o conhecimento dá-nos a dimensão exata de nosso dever perante o próximo e para conosco mesmos.

A liberdade, dentro de uma perspectiva ampla e profunda, não é tão simples quanto à primeira vista parece. Compreendamos que ela deve ser "construída" em cada um de nós. Significa dizer que formar a liberdade é estruturar a nossa personalidade, atuando de forma mais consciente no meio que estivermos inseridos. "Ter bom senso é fastidioso" já nos dizia Bergson, pois preferimos viver na aparente segurança da mentira à envidar esforços para compreendermos a verdade.

À medida que avançamos nos estudos, tomamos consciência de nossa pequenez ante o infinito, mas ao mesmo tempo adquirimos confiança que o conhecimento absorvido pode, através de nossas ações, acender uma luz de pirilampo na mente daqueles que estão circunstancialmente no caminho conosco.

Fonte de Consulta

MENDONÇA, E. P. *A Construção da Liberdade*. São Paulo, Convívio, 1977.

Julho/1993.

VALOR E JUÍZO DE VALOR

A palavra valor é polissêmica, ou seja, impregnada de diversos sentidos. Lingüisticamente falando, ela vem de *valere*, que significa ser forte, ter boa saúde. Toma, também, o sentido de qualidade, de coragem, de virtude. Na matemática, fala-se em valor de uma variável, de uma função, de uma grandeza. Em Economia, estabelece-se a distinção entre valor de uso e valor de troca. Em Economia Política, usa o termo valor nominal para designar as distorções quanto ao poder de compra do consumidor. Em Sociologia, o valor social é definido em termos de idéias, normas e conhecimentos técnicos.

O valor, em Filosofia, recebeu o nome de **axiologia**, de *axíós*, em grego, o que é preciso, digno de ser estimado. Expressa a primazia do querer sobre o inteligir. O valor não pode ser transformado em conhecimento, pois este envolve o raciocínio, a lógica, a teoria. Pode-se dizer que o valor está mais ligado à intuição, ao sentimento, uma espécie de sexto sentido que os grandes homens da humanidade têm ao se relacionar com um fato qualquer. Eles captam a essência num piscar de olhos.

Em termos de construção do conhecimento, a Ciência explica como funciona, o que a coisa é, no sentido de buscar as causas mais próximas. À Filosofia cabe

explicar o porquê daquele fato. A ciência é o que é; tem o condão de ser positiva, ou seja, estabelecer hipóteses e testá-las. A Filosofia relaciona-se com o que deve ser, emite um juízo de valor. Isto, contudo, não quer dizer que o cientista não filosofa e nem que o filósofo não faz ciência. Não é porque o cientista fez um corte na realidade, para melhor compreendê-la, que ele não vislumbrou o todo.

A separação entre juízo de realidade e juízo de valor é outra dificuldade. Diz-se que a realidade é o que é e o juízo aquilo que dela se pensa. Acontece, porém, que tanto a ferramenta científica quanto a ferramenta filosófica estão relacionadas com o mesmo fato observado, e nem sempre é fácil separar uma análise da outra. Observe, por exemplo, a seguinte sentença: o copo de leite está quente. Nele há um juízo de realidade e um juízo de valor. Pode-se entender que o leite está quente, e não deve ser tomado, ou que o leite está quente, não frio, factível de ser tomado.

Há diferença entre o observador e a coisa observada? Krishnamurti, filósofo indiano, acha que o observador e a coisa observada é uma e única coisa, pois não podemos separar aquele que olha do objeto visto. Quando reclamamos de nossas ações, dá-se impressão que a ação não foi cometida por nós, mas por um elemento transcendente a nós mesmos. Dentro desse raciocínio, acabamos achando que sempre estamos com a razão e o outro em erro. É ele que nos perturba, e não nós que o aborrecemos. Onde está a verdade?

Como vemos, cada vez mais os valores científicos, filosóficos e religiosos se comprimem no sentido de nos fazer aproximar, o mais possível, à verdadeira realidade, aquela realidade que nos liberta do erro.

Fonte de Consulta

AGATTI, Antonio Paschoal Rodolpho. *Os Valores e os Fatos: o Desafio em Ciências Humanas*. São Paulo: Ibrasa, 1977. (Biblioteca Psicológica e Educação, 87)

Setembro/2003

O TEMPO JULGA TUDO

O **tempo** é um elemento que segundo Santo Agostinho é fácil de saber, mas difícil de explicar. Observe que a própria dimensão do tempo no Cristianismo tem a conotação de eternidade. Deus criou o tempo, quando criou o mundo. Fê-lo a partir do nada, mas enviou o seu filho para restaurar o tempo e levar todos os crentes para além do tempo, ou seja para a eternidade.

A questão de que o tempo tudo julga está relacionada com a noção de carma, de ação e reação, da lei de causa efeito, do juízo final etc. Quer dizer, desencadeada uma ação, esta fica registrada no cosmo e, mais tempo ou menos tempo, teremos de responder por ela, seja boa ou má. Por isso, diz-se

que o acaso não existe, ou seja, cada um está colocado no devido lugar, colhendo os frutos daquilo que livremente semeou.

A distinção entre presente, passado e futuro nem sempre é fácil de ser vista. Hoje podemos estar numa situação desesperadora. Em vista disso, perguntamos: por que me encontro assim? Por que não estou numa situação melhor? O que eu fiz de errado? Depois destas questões, começamos a culpar o presente, e dizemos: Deus não cuida de mim; estou abandonado; tudo que faço dá errado; e assim por diante. Mas o que é o presente? Ele não é a condensação do que fizemos no passado? Ele não é a antecipação do que poderemos ser no futuro? Talvez devêssemos ver os nossos dias com mais atenção.

O tempo tudo julga pode ser relacionado com a morte. Por quê? A morte é o término de um estágio no plano da carne, em que somos obrigados a fazer uma reflexão mais acurada da nossa existência. No momento da morte, não nos perguntarão o que lemos, os bens que amontoamos, a riqueza que tínhamos, mas simplesmente o que estamos levando em nossa bagagem espiritual, ou seja, as qualidades morais, os conhecimentos, a prática do bem. Por isso, as advertências do Evangelho são elucidativas, pois não há uma única ação, por mínima que seja, que não será levada em conta no dia do "juízo final".

Além de tudo, o "tempo tudo julga" mostra que a justiça divina tarda mas não falha. No momento do julgamento de nossas ações, seremos recompensados pelo bem que tivermos feito, e repreendidos pelo mal que conscientemente tivermos praticado. Se hoje estamos infringindo a lei divina, prejudicando o nosso próximo, é de se esperar que teremos de sofrer as conseqüências dos nossos atos. Desta forma, é melhor começar a fazer o bem já, preparando-nos para uma vida mais saudável, no futuro.

Instruamo-nos no bem e na verdade para não termos surpresas ao voltarmos ao nosso verdadeiro mundo, ou seja, o mundo dos Espíritos.

Novembro/1997

O VIRTUAL E O ATUAL

A palavra virtual origina-se do latim medieval *virtualis*, que provém de *virtus*, força, potência. De acordo com os escolásticos, virtual é o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se. Uma árvore está virtualmente numa semente. Filosoficamente considerado, difere da imaginação, da ilusão e mesmo do termo virtual que se usa em cinema e televisão. Em realidade, virtual e atual são dois estados de um mesmo problema, de uma mesma questão. O atual nada mais é do que uma *resposta* ao virtual.

Todo o ser humano tende à perfeição. Para explicar esta tese, partamos da seguinte afirmação: "Deus criou todos os Espíritos *potencialmente* perfeitos". Contudo, para que o fato se torne realidade, cada um deverá ir paulatinamente atualizando essa perfeição. Nesse sentido, tanto faz o Espírito estar no mundo dos encarnados como no mundo dos desencarnados, pois a inexorabilidade do progresso é irreversível. Ou seja, quer queiramos ou não, todos seremos guiados para os caminhos que devemos percorrer para atingir tal *desideratum*.

O Espírito pode captar as mensagens de mundos mais elevados. Não é algo imaginário, ilusório, visto que as projeções de luz ficam plasmadas no cosmo. Observe o trabalho dos profetas, aqueles que tinham capacidade de prever o futuro. Eles, com uma visão mais acurada, puderam penetrar nos acontecimentos que ainda estavam por vir. Allan Kardec, em *A Gênese*, explica-nos a questão, lançando mão de um exemplo: um homem ao pé da montanha e o outro no topo. O que está em baixo não consegue ver o que está do outro lado; o que está no topo, sim.

Na perspectiva da virtualização há que se distinguir o *trabalho* do *emprego*. O *emprego* é uma tarefa que temos de realizar, durante um certo período de tempo, para receber um determinado salário, a fim de manter a nossa subsistência. O *trabalho*, por seu turno, diz respeito à realização pessoal, à vocação e à espiritualização do ser. O trabalho é muito mais valioso que o emprego, pois há muita gente que tem emprego e não tem trabalho e muitas que trabalham 24 horas por dia e não tem emprego.

O *Mito da Caverna* de Platão faz sentido. Ao colocar os homens dentro de uma caverna, de costas para a luz, de modo que só vissem as suas próprias sombras, Platão comunicava-nos a existência de um outro mundo, o mundo das essências, localizado no *topos uranos*, um lugar no espaço, ao qual todos deveríamos voltar quando cessasse a nossa passagem terrena. Lá, no mundo das essências, tudo existe em perfeição, como forma. O nosso trabalho consiste em nos ajustarmos a essas formas perfeitas.

Esforcemo-nos por deixar a nossa mente em plena atividade, evitando as reclamações de toda a sorte. Lembremo-nos da frase de Jesus: "Tendo sustento e com o que nos cobrimos estejamos contentes". Eis a fórmula mágica de atualização das nossas virtualidades.

Junho/2004

A VOLTA AO TRABALHO INTELECTUAL

Pintura, jardinagem e serviços de pedreiro são alguns, dentre os muitos afazeres, que permitem um afastamento do exercício intelectual. Para a opinião comum, o trabalho intelectual não é considerado trabalho, porque ele não é palpável como produzir coisas, tais como, casa, automóvel ou computador. Contudo, ele também cansa e, quando não é intercalado com o lazer, causa

fadiga mental. O desligamento dessas atividades, substituindo-as por outras, de cunho prático, revigora sensivelmente o nosso ser.

As nossas atividades, sejam quais forem, precisam de um relaxamento, de um período de frouxidão. Assemelha-se ao arco que se retesa por muito puxar e acaba quebrando. A filosofia chinesa tem na água o símbolo perfeito dessa frouxidão. Para eles, a água é o mais flexível dos elementos, porque consegue se amoldar a tudo, inclusive acaba quebrando a pedra que é dura. Se estivermos excessivamente tensos não conseguiremos agir livremente. Por isso, o estresse da vida moderna.

Depois do descanso, que é uma mudança da atividade intelectual para a braçal, deve-se proceder a novos preparativos. Tal como o jogador de futebol, que faz uma pré-temporada no começo do ano, para adquirir a sua forma física ideal, o mesmo deveria fazer o trabalhador intelectual, para introduzir o seu pensamento na atividade mental refletida, pois a terá que exercitar ao longo do ano de trabalho. É nos detalhes que se perdem ou se ganham as grandes batalhas.

O aquecimento das atividades pode dar-se da seguinte forma: uma visão geral do ano, a medição das forças físicas e intelectuais e uma releitura do que já se escreveu. Entre tais temas estão os que se referem à teoria econômica, à política, à religião, à filosofia etc. Assim, uma idéia puxa a outra e, pela lei de associação de idéias, um pensamento puxa o outro e tudo vai se encadeando de forma suave e tranqüila. O revigoramento das idéias é uma necessidade peremptória de nosso espírito imortal.

Coloquemos novamente os nossos pensamentos no papel. Nada de pusilanimidade. É pelo esforço de escrever que nos tornamos bons escritores. Basta que peguemos o lápis e o papel e comecemos a nos exercitar. Observe que os pensamentos vão surgindo e, quando menos percebemos, texto está documentado, a idéia registrada e o artigo publicado. Lembremo-nos do provérbio que diz: "a caminhada de mil léguas começa pela primeira légua". Temos que dar o primeiro passo.

Saibamos empregar bem o tempo presente. Talvez não percebamos de pronto, mas cada um de nós acaba se dando por aquilo que se troca.

30/1/2007

ORIGEM DO CONCEITO DE FILOSOFIA

A origem do conceito de filosofia está na sua própria estrutura verbal, ou seja, na junção das palavras gregas *philos* e *sophia*, que significam "amor à sabedoria". Filósofo é, pois, o amante da sabedoria. Mas o que é a **sabedoria**? É um termo que significa erudição, saber, ciência, prudência, moderação, temperança, sensatez, enfim um grande conhecimento.

Na tradição mitológica, a sabedoria era um atributo dos deuses, que revelavam uma verdade apodíctica, evidente, não suscitando nem interrogações, nem dúvidas. A sabedoria era o dom de conhecer o desconhecido, o incompreensível e, principalmente, de prever o futuro, o destino. Os deuses, na hierarquia mitológica, renunciavam uma parcela de sua sabedoria em favor dos oráculos e de outros eleitos.

Enquanto a consciência do homem é dominada pela mitologia ele não interroga sobre o que é a sabedoria. Foi preciso que surgisse a Filosofia e, com ela, o questionamento do conhecimento aceito como evidente, a fim de que os mitos e as adivinhações cedessem lugar ao pensamento reflexivo. A partir daí, o simples "amor à sabedoria" vai ampliando-se com as contribuições dos vários filósofos, até chegarmos à complexidade da atualidade.

Transformar a opinião em conceito foi e será sempre o trabalho árduo dos amantes do saber. O homem é um fabricante de mitos: a percepção dos fatos fá-lo arquitetar os seus juízos de valor, sem muitas considerações. Mas se quisermos compreender com alguma profundidade as coisas que nos cercam, devemos esforçar-nos por descobrir as verdades que se escondem atrás do fato.

O filósofo do século XX deve ter a coragem de penetrar no mundo dos conceitos, tendo em mente que não existe uma definição absoluta da filosofia, mas aproximações que cada filósofo na sua época consegue abarcar. Além disso, deve-se levar em conta que a filosofia refere-se muito mais a uma vivência plena do que às informações que se podem tirar dos livros.

Busquemos as origens da sabedoria filosófica. Não nos deixemos, porém, ser tragados pelos mitos e opiniões dos nossos companheiros de jornada.

Fonte de Consulta

OÏZERMAN, T. *Problemas da Hist3ria da Filosofia*. Lisboa, Livros Horizontes, 1978.

Março/1997

O M3TODOS FILOS3FICO

M3todo - do grego *methodos* significa caminho para se chegar a um fim. Todo m3todo, seja em Filosofia ou em qualquer outro campo, tem por finalidade formular e tentar afirmaç3es, explicaç3es e previs3es, com o intuito de descobrir a verdade, contrapondo-se ao erro. Na ci3ncia, utilizamos o m3todo positivo; em filosofia, o m3todo especulativo. Qual o alcance dessa diferença metodol3gica?

A intuiç3o m3stica 3, muitas vezes, cogitada na especulaç3o filos3fica. N3o podemos desprez3-la de todo pois o sentimento com relaç3o ao Ser Supremo pode perfeitamente conter parte da verdade. A dificuldade em aceit3-la como m3todo filos3fico est3 no fato de que essa faculdade extra-racional e extra-emp3rica oferece pouca ou nenhuma garantia de rigor e precis3o que o referido m3todo filos3fico exige.

A dial3tica hegeliana, o transcendentalismo de Kant e a fenomenologia descritiva de Husserl constituem os tr3s mais importantes m3todos para superar o m3todo filos3fico cl3ssico, baseado no empirismo e no racionalismo. Partem de um conhecimento **a priori**, puro. Eles, por3m, n3o explicam com clareza como chegam a essa pureza do conhecimento. Por isso, os cr3ticos alimentam s3rias d3vidas quanto ao 3xito desses ensaios, preferindo a opini3o de que n3o passam de formas disfarçadas do m3todo emp3rico e do m3todo racionalista.

A axiom3tica hilbertiana possibilitou nova dimens3o 3 t3cnica reflexiva da filosofia. Segundo as pr3prias palavras de Hilbert, tudo que pode ser motivo do pensamento cient3fico recai, desde que se integre na estrutura de uma teoria, sob o dom3nio da axiom3tica e, portanto, da matem3tica. 3 que toda a teoria, segundo ele, 3 edificada sobre os indemonstr3veis (axiomas). Por isso, a suspeita com relaç3o 3 garantia do conhecimento **a priori**.

A criaç3o do sistema especulativo, entretanto, 3 uma atividade puramente est3tica que n3o se submete a preceitos racionais. Nada disso por3m dever3 impedir-nos de reter, apenas os axiomas arbitrariamente escolhidos dos que se mostram mais fecundos no curso do pensamento e do racioc3nio abstrato. Desta forma, s3o a experi3ncia e raz3o (n3o o empirismo ou o racionalismo) que devem constituir o crit3rio para o julgamento cr3tico do valor de nossas proposiç3es.

A especulação filosófica, como vimos, exige o exercício do bom senso. Urge estarmos sempre alerta para não cairmos na mitificação do conhecimento.

Fonte de Consulta

CANNABRAVA, E. *Elementos de Metodologia Filosófica*. São Paulo, Editora Nacional, 1956.

Fevereiro/1996.

AS ETAPAS DA METODOLOGIA FILOSÓFICA

A metodologia filosófica nada mais é do que a transformação da reflexão espontânea em pensamento filosófico. Na realidade, ela aplica o que a própria *Filosofia* prega desde tempos remotos, ou seja, pede que suspendamos as opiniões imediatas e nos mantenhamos afastados das discussões espontâneas, na medida em que estas só nos remetem a nossos preconceitos e a nossas crenças irrefletidas. As etapas da metodologia filosófica são: leitura, explicação, comentário e dissertação. Analisemos cada uma delas.

A **leitura de textos** é a primeira das etapas, pois sem o alimento não se constrói o conhecimento filosófico. Na verdade, *é lendo textos que se aprende a ler os filósofos, não de outro jeito*. Na condição de aprendizes de filosofia, devemos nos colocar como *vampiros*, pois à semelhança destes, devemos sugar os conhecimentos veiculados pelos grandes pensadores da humanidade. Na absorção do conhecimento filosófico, façamos uso tanto da *leitura rápida*, que tende a ser de superfície, como da *leitura profunda*, que tende a ser explicativa.

Da leitura (1.^a etapa) passa-se à explicação (2.^a etapa). Mas o que se entende por explicação? **Explicar** é enunciar o que há num texto dado, nem mais nem menos. É desdobrar, mostrar o que está exposto, pressuposto, implicado. Aquele que explica deve, assim, ficar no texto e somente nele. Deve colocar-se de forma *ingênua*, *sem preconceitos* de nenhuma espécie. Para ser fecundo e produtivo na explicação, deve assinalar os termos e questões importantes, ser explícito e evitar a paráfrase.

O **comentário** é a etapa seguinte. Convém não o confundirmos com a *explicação*. Na *explicação* do texto buscamos saber o que o autor verdadeiramente disse numa dada passagem, enquanto no *comentário* procedemos a uma interrogação armada sobre o que ele verdadeiramente disse. Nesta etapa devemos procurar estabelecer um *diálogo* com o autor, concordando ou refutando os seus argumentos. Como o comentário é uma fase mais avançada de compreensão, devemos fazê-lo de modo pausado e, se possível, fundamentando-nos em conhecimentos anteriores precisos, lentamente adquiridos e bem assimilados.

Depois da leitura, da explicação e do comentário chegamos à quarta etapa que, em termos escolares, denomina-se **dissertação**. *A dissertação filosófica é um exercício à parte, mas é o exercício filosófico por excelência*. Por que? Por que é nesta fase que o aprendiz tem a oportunidade de apresentar um trabalho por escrito, o qual será lido, avaliado e corrigido pelo professor, pois essas fases constituem as condições elementares da compreensão do exercício, de suas regras e de sua razão de ser.

Aprofundar metódica e filosoficamente o pensamento não é tarefa fácil. Exige um estado de atenção e concentração peculiar e uma disciplina bastante exemplar.

Fonte de Consulta

FOLSCHEID, Dominique e WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Metodologia Filosófica*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Ferramentas)

Julho/2002

LINGUAGEM E FILOSOFIA

Por que a Linguagem Interessa à Filosofia? Este é o título do livro de Ian Hacking, resultado de uma série de palestras, ministradas em Cambridge, nos anos 1972 e 1973, a calouros, estudantes de pós-graduação e docentes. *O apogeu das idéias*, *o apogeu dos significados* e *o apogeu das sentenças* são os seus tópicos principais. Estudemo-los.

O discurso mental de Thomas Hobbes, as idéias de Port Royal e as abstrações de bispo Berkeley retratam o período, conhecido como o **apogeu das idéias**. Para eles e, principalmente para Tomas Hobbes, a palavra é um signo, uma marca da idéia. Tudo começa no discurso mental do emissor, que deve transformá-lo em discurso verbal, para novamente ser transformado em discurso mental no receptor. Embora a palavra esteja revestida de emoção e afetividade, o mais importante é o receptor captar ampla e totalmente a mensagem de emissor.

O inatismo de Noam Chomsky, o conhecimento por familiaridade de Bertrand Russell, a articulação de Ludwig Wittgenstein, a verificação de A. J. Ayer e os sonhos de Norman Malcolm fundamentam o período do **apogeu dos significados**. Aqui tenta-se não somente expressar uma palavra, mas recorrer ao seu verdadeiro significado, pois se não definirmos corretamente as palavras, a ambigüidade avolumar-se-á indefinidamente, comprometendo a compreensão do seu sentido.

As teorias de Paul Feyerabend, a verdade de Donald Davidson caracterizam o **apogeu das sentenças**. É uma posição mais recente do estudo da linguagem e mostra a dificuldade que temos para entender uma palavra por ela

mesma, sem considerá-la dentro de um contexto. É a sentença, a frase e o enunciado que direcionarão a nossa compreensão do tema. Isto porque uma palavra pode ter diversos sentidos e somente numa sentença podemos extrair o seu verdadeiro significado.

Resumindo o período do *apogeu das idéias*, do *apogeu dos significados* e do *apogeu das sentenças*, poderíamos dizer com Quine que "o conhecimento é um tecido de sentenças". Quer dizer, nada permanece estático. Observe, por exemplo, a comparação histórica da palavra *daimon*. Na época de Sócrates, *daimon* significava anjo bom, guia, protetor, anjo de guarda; atualmente, transformou-se em demônio, o anjo mau. Assim sendo, devemos verificar que a palavra é simples demais para ter definição.

Depreende-se desta reflexão que toda palavra deve ser vista de acordo com o seu contexto, hábitos e costumes. O que para nós é considerado imoral para outros povos pode ser virtuoso.

Fonte de Consulta

Hacking, Ian. *Por que a Linguagem Interessa à Filosofia?* São Paulo, UNESP, 1999.

Janeiro/2002

PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS E CIENTÍFICOS

Há muitas leis, denominadas universais, porque são aplicadas em qualquer momento e em qualquer lugar. Nosso propósito, neste artigo, é discorrer brevemente sobre pelo menos quatro delas, a saber: princípio da razão suficiente, princípio da interação ou causalidade dialética, princípio do determinismo relativo e princípio da mudança.

O Princípio da Razão Suficiente diz o seguinte: "*Tudo o que existe tem sua razão de ser. Nada acontece sem causa real e natural*". Quer dizer, nossas ações devem estar desprovidas da atitude fechada com relação às coisas. Nesse sentido, o dogma de que Deus criou do nada o homem e toda a natureza não é válido para o pensador racional. É preciso penetrar na essência das coisas para daí tirar o conhecimento real e necessário. Em outras palavras, devemos buscar as causas antes de emitir juízo de valor sobre os fatos.

O Princípio da Interação ou Causalidade Dialética mostra que, na natureza como na sociedade, tudo está relacionado com tudo. A fome no Hemisfério Norte é também fome no Hemisfério Sul. A dor do vizinho é também a nossa dor. O desemprego do próximo é também o nosso desemprego. O tudo influencia tudo mostra que a causa transforma-se em efeito e o efeito reverte-se em causa. Observe, por exemplo, a briga entre casais. Quem foi que deu a primeira alfinetada? Podemos até culpar o outro, mas no âmago da reflexão, fica difícil saber quem começou?

O **Princípio do Determinismo Relativo** mostra que nos fenômenos sociais o *determinismo é objetivamente necessário, mas subjetivamente contingente*. Contingente, porque pode ou não suceder, ou seja, não é obrigatório acontecer, visto depender da vontade humana. Embora haja o determinismo absoluto, o homem dispõe do livre-arbítrio, isto é, da sua vontade que o faz ceder ou resistir aos acontecimentos. Na Física, se largar uma pedra ela vai ao chão por causa da Lei de Gravidade. Na sociedade, não é tão simples. É preciso estudar os diversos tipos de comportamento - psicológico, religioso, econômico etc. - ligados muitas vezes a uma única ação.

O **Princípio da Mudança** mostra que tudo na natureza está em transformação permanente. No âmbito do ser humano, a mudança atende perfeitamente à teoria espiroidal ou helicoidal. Segundo essa teoria a mudança não é nem linear (isto é, uma linha reta de progresso ilimitado) nem circular (isto é, depois de um certo tempo volta ao ponto de partida formando um ciclo fechado), mas a síntese dialética das duas antíteses, ou seja, do progresso linear e do progresso circular.

Do estudo ora encetado, resta-nos o consolo do tempo, que tudo modifica para a realização de nosso projeto de vida.

Fonte de Consulta

BAZARIAN, J. *Introdução à Sociologia - As Bases Materiais da Sociedade*. 2. ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1986.

Outubro/2003

RACIONALIDADE FILOSÓFICA E RACIONALIDADE CIENTÍFICA

A capacidade de instrumentalização do homem foi, ao longo do tempo, conferindo à Ciência o atributo de racionalidade. O positivismo de Comte mostra a influência que a epistemologia exerceu sobre a Filosofia. Neste *status quo*, temos de ponderar, a fim de não sermos tragados pelo encantamento das máquinas e da comprovação científica.

O conceito de **racionalidade** tem dupla significação: filosófica e científica. A **racionalidade filosófica** abarca a totalidade do saber, em que o pensamento insere-se numa cosmovisão do ser; a **racionalidade científica** possui visada restrita, ou seja, limitada aos métodos de análises conceituais e de experimentos. Kant chama a primeira de **Razão** e a segunda de **Entendimento**. O importante a ressaltar é que o **Entendimento Científico** depende da **Razão Filosófica**, e não o contrário.

O problema central da Filosofia é combater a **idolatria**. Somos fabricantes de falsos deuses, conferindo-lhes um poder **salvífico**. Entre tais deuses, está a

ciência e seus derivados, que açambarcou da filosofia toda a espécie de conhecimento. Neste sentido, chega-se ao ponto de considerar como saber verdadeiros somente aquele proveniente de uma comprovação científica. O instinto **monárquico** que passou da Teologia à Filosofia reside, hoje, na Ciência.

A teoria da escolha, elaborada por Walsh (*Axiomatic Choice Theory*, 1971), comporta vários axiomas, todos intuitivamente plausíveis, parecendo representar o que poderia ser chamado de **comportamento racional**. Nessa teoria, o indivíduo seria tratado de **racional** sempre que encolhesse o estado de coisas A com relação ao estado de coisa B, não se levando em conta os juízos de valor, ou seja, as finalidades da ação. Apenas demonstrando **coerência de comportamento**, esse indivíduo seria considerado **racional**. O mesmo ocorre na área científica, ficando fora de sua alçada tudo o que pertence à ordem dos fins e dos valores.

A Filosofia deve retomar o seu papel de construtora do saber. Segundo a postura filosófica, devemos duvidar dos cientistas e dos políticos, como sendo os principais detentores do conhecimento. É que, acostumados ao uso de gráficos e cálculos matemáticos, encastelam-se em suas especializações limitadas e arvoram-se de serem os proclamadores da verdade.

A busca do conhecimento não é tarefa fácil. Muitas vezes a verdade encontra-se no fundo, mas, nem todos têm o hábito de procurá-la com denodo e determinação.

Fonte de Consulta

JAPIASSU, H. *Questões Epistemológicas*. Rio de Janeiro, Imago, 1981.

Maio/1996

UNIVERSO E FILOSOFIA

O **Universo** é tudo o que existe no espaço infinito: planetas, estrelas, galáxias, seres animados e inanimados, fluidos. A compreensão do universo está intimamente relacionado com a filosofia de vida de cada pessoa. Nesse sentido, quanto mais conhecermos o mundo que nos cerca, mais ampliaremos a nossa concepção de vida.

Os **grandes pensadores** da humanidade não se preocuparam muito em explicar se o universo é limitado ou infinito, se é ou não eterno, se teve ou não um começo como Deus. *Buda*, por exemplo, limitou-se a ensinar o que é a dor e os caminhos para suprimi-la do ser humano. *Confúcio* dizia que primeiro de tudo deveríamos conhecer os homens e auxiliá-los. *Sócrates* achava que há uma harmonia incomensurável no universo e, para compreendê-la, basta somente conhecer a nós mesmos. *Jesus* fala-nos das várias moradas, porém enfatiza-nos a amar ao próximo como a nós mesmos.

A dádiva do livre-arbítrio muda tudo. Ao invés de assimilarmos as lições desses grandes mestres, insistimos em fazer a nossa caminhada através da dor, cometendo os maiores deslizes com relação às leis naturais. Assim, não somos suficientemente humildes para aceitar o nosso nível de limitação, e, querendo sempre mais, criamos confusões em nossa mente e na daqueles que nos ouvem. Se não prestarmos a atenção, poderemos destruir o Planeta que nos serve de morada, em virtude da maciça alocação de recursos para a construção de armas nucleares.

Escolhendo um determinado caminho, sempre teremos explicações que o satisfaçam. Assim sendo, aceitando o *monismo* ou o *dualismo*, o *materialismo* ou *espiritualismo*, o *ateísmo* ou o *panteísmo*, encontraremos diversos argumentos que os sustentam. E mesmo que esses argumentos não se aclimatem em nossa consciência, a força intrínseca deles, faz-nos aceitá-los como argumento de razão, de modo que o nosso pensamento se acomoda e ficamos satisfeitos conosco mesmos.

Lembremo-nos de que a tarefa do filosofar é **distinguir a filosofia dos filósofos da Filosofia**. A Filosofia é um questionar constante, um exercício mental em que estamos sempre procurando a verdade, entendida como um processo ativo e dinâmico de obter novos conhecimentos. A filosofia dos filósofos, por outro lado, é a representação das idéias desses pensadores, seres humanos falíveis como todos nós, e, portanto, sujeitos às limitações de seu próprio pensar. Muitas vezes, enveredando por um determinado fluxo de idéias, os filósofos acabam por criar o dogma, elemento que mais a Filosofia combate.

Olhemos o Universo sem idéias preconcebidas. Tomemos cada situação, cada encontro, cada conversação como se fosse o acontecimento mais importante naquele momento. Criando este hábito, onde quer que estejamos, estaremos sempre aproveitando melhor a nossa existência.

Fonte de Consulta

PEREIRA, U. *Nós e o Universo: o Senso da Vida*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1942.

Abril/2001.

GENEALOGIA DA CIÊNCIA

A ciência propriamente dita não existe, mas as ciências: física, biologia, química, engenharia etc. Oficialmente, as ciências apareceram quando um determinado ramo do conhecimento adquiriu objeto próprio de estudo, desprendendo-se do grande ramo da Filosofia. Na realidade, as ciências só apareceram a partir do século XVI. Até então, tudo era Filosofia, pois o seu objeto de estudo era a Ontologia, a Cosmogonia, a Lógica, a Axiologia ou teoria dos valores etc.

Oficiosamente, porém, a ciência já estava presente na Antiguidade grega. Tales de Mileto e Pitágoras, no século VI a.C., desejavam um saber que apresentasse *provas* e se organizasse em *sistemas*. Nesse sentido, a Astronomia encontrou o seu próprio caminho: a *observação* rigorosa e a criação de *modelos* matemáticos. Por que a ciência grega da antiguidade não progrediu tanto como a ciência da época atual? Em 1.º lugar, porque eram especulativos; em 2.º lugar, porque não tinham instrumentos adequados para registrar e organizar todas as suas descobertas.

A obscuridade da Idade Média dificultou também o vôo das ciências. A religião, a grande dominadora, inclusive da Filosofia, punha os seus cabrestos em toda a criatividade, em toda a inovação. Qualquer coisa que se descobrisse tinha que passar pelo crivo da Igreja, detentora de todo o saber. Aqueles que desobedecessem as suas ordens eram lançados ao fogo. Conseqüentemente, muitas descobertas científicas não frutificaram porque o veto religioso inibia a sua divulgação.

A partir do século XVI, o progresso científico retoma o seu vigor, fornecendo às ciências a conciliação entre a teoria e a experimentação. Com Galileu (1564-1642), além da observação e da criação de modelos, acrescentou a *organização* da experiência e o desenvolvimento de *aparelhos*. Os instrumentos foram os grandes auxiliares no desenvolvimento de todas as ciências. Da luneta de Galileu ao telescópio Hubble, muitas informações foram acrescentadas ao estoque de conhecimento da humanidade. O que seria do mundo hoje, sem o computador, sem os recursos da informática?

Os avanços da ciência coincidem com o aparecimento do capitalismo. Há o lado positivo, pois hoje é quase impossível viver sem as ciências. Contudo, embora não possamos ficar sem as ciências, há taras a denunciar. A sede pela intervenção e pela produtividade gerou a sociedade de consumo, aumentando drasticamente as desigualdades de renda entre os mais ricos e os mais pobres. Tanto no Ocidente como no Oriente, a ciência está cada vez mais sujeita à não-razão do Estado, que busca a violência, o domínio e a guerra.

Saibamos analisar os prós e os contras. Somente assim teremos condições de formar uma visão mais realista do mundo que nos cerca. De posse desta virtude, estaremos livres do dogmatismo e do ritualismo, tão prejudiciais ao desenvolvimento integral do ser humano.

Fonte de Consulta

POLIS - ENCICLOPÉDIA VERBO DA SOCIEDADE E DO ESTADO. São Paulo: Verbo, 1986.

Abril/2004

CIÊNCIA E CIÊNCIAS

Ciência é um conjunto de conhecimentos organizados acerca de determinada matéria, comprovados empiricamente. A explicação, a relação e a sistematização são suas características essenciais e, portanto, também, do **conhecimento científico**, que se distingue do **conhecimento vulgar**, que é opinativo, porque não busca o entendimento entre causa e efeito.

Na Antigüidade não havia a Ciência como a conhecemos hoje. Tudo era Filosofia. À medida que os conhecimentos foram se particularizando e formando um corpo doutrinário próprio, foram também surgindo as diversas ciências, tais como, a Matemática, a Física, a Química, a Astronomia etc. É por essa razão que ao se conceituar a Ciência, diz-se que propriamente ela em si não existe, mas sim as ciências.

Distinguir **ciência política** da **filosofia política** fixa bem esse nosso estudo. A *filosofia política*, caracterizada pelo "**que deve ser**", não é um *pensar para aplicar*, um pensar em função da possibilidade de traduzir a idéia no fato. Está mais ligada às idéias utópicas com relação ao futuro, à sociedade justa e igualitária etc. *Acidência política*, por outro lado, é caracterizada pelo "**que é**", ou seja, a teoria que reenvia à pesquisa, a tradução da teoria em prática, afinal "um projetar para intervir". Deste surge o "cientista político", profissional apto a analisar as causas imediatas dos fenômenos políticos.

A transformação da economia em ciência econômica revela-nos um grande ensinamento. Observe que John Stuart Mill (1806-1873) assinala nos seus *Essays on Some Unsettled Questions of Political Economy* que normalmente a definição de uma ciência não precede, mas sucede a criação dessa mesma ciência. Por que? Só com o progressivo estabelecimento dos princípios gerais dos diversos problemas que ela pretende resolver, é que a diversidade de definições se vem a realizar. Foi isso que conseguiu Lionel Robbins ao definir a Economia como a ciência que estuda o comportamento humano como uma relação entre *fins e meios* escassos que possuam usos alternativos.

O homem comum pensa que o sábio conta com princípios indestrutíveis. Não é bem assim. Há enunciados praticamente definitivos; mas são vagos quando se quer grande rigor. Observe a física contemporânea: não há nela um só princípio que se considere como indiscutivelmente evidente, nem uma só lei experimental que se considere como definitivamente estabelecida. Em física só há hipóteses, embora hipóteses que mereçam uma confiança muito grande.

Tenhamos sempre em mente uma atitude inquieta e inquiridora sem, contudo, perder o fim último de nossa vida, que é a evolução de nosso espírito imortal.

Fonte de Consulta

BOBBIO, N., MATTEUCI, N. e PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. 2. ed., Brasília, UNB, 1986.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d. p.

Novembro/2001

REVOLUÇÃO CIENTÍFICO-TECNOLÓGICA

A revolução científica do século XVI e XVII tinha um caráter cognitivo. O mundo estava se libertando da influência dogmática da religião, principalmente da Escolástica, que desdenhava o trabalho empírico. Com o aparecimento de Francis Bacon, Galileu e outros, o conhecimento deixou de ser dogmático para se tornar teórico-experimental. Isso quer dizer que toda a teoria deveria passar pelo crivo da experiência. Há uma lei: *o calor dilata o metal*. Para a sua comprovação, vamos aumentando a temperatura até constatarmos o seu ponto de ebulição, quando então se funde.

Com essa revolução científica veio a formulação de teorias, idealmente expressas em termos matemáticos, testáveis por observações empíricas, obtidas, onde possível, a partir de experimentos. Posteriormente, procurou-se transferir essas descobertas para as ciências sociais. Hoje, na sociologia, na economia, na psicologia, vemos muitas fórmulas matemáticas darem guarida à teoria. Em Economia, quando se faz o estudo da preferência do consumidor, o seu desejo pela aquisição de um bem recebe um valor numérico.

O uso da fórmula matemática deu às ciências um grau relevante de racionalidade. A partir daí, as relações entre ciência e sociedade se modificaram. A postura da busca da inovação, da descoberta, como víamos num Einstein, cedeu lugar aos apelos da pesquisa em tecnologia. O que se vê são equipes de cientistas trabalhando num único projeto, contrastando radicalmente com o sistema anterior em que um único cientista ficava vários anos elaborando o seu próprio projeto. Hoje, mede-se a produção intelectual pelo número de citações, de artigos publicados em revistas e jornais e não pela descoberta em si.

A ênfase das ciências em tecnologia está ligada ao consumo de massa. A população, sempre crescente, exerce, cada vez mais, uma pressão desenfreada sobre os recursos naturais, obrigando a sociedade a produzir mais e mais para atendê-la. O tema da produtividade, produzir mais por unidade de mão de obra, é um dos mais ventilados no meio econômico e social. Quando se fala em infra-estrutura dos portos, compara-se o número de trabalhadores num país com o número de trabalhadores no outro.

Nessa linha de pensamento, o pesquisador meramente voltado ao "amor à idéia" é desprezado. Isto não acontece por problemas pessoais de quem administra, mas é uma condição natural do próprio capitalismo, onde tudo gira em torno da produção utilitária. Se o que fizermos não aumentar a produtividade, não der lucro, então não serve ao conjunto das relações comerciais. Pode-se dizer que esta postura é fruto da concepção materialista do mundo, construída ao longo do tempo. Os que não se comportam segundo esta visão, são considerados idiotas e marginalizados do sistema econômico.

Mas onde está a verdade? Na tecnologia ou no amor às idéias? Difícil de responder, pois nossas necessidades falam mais alto. O que nos cabe é refletir sobre essas dificuldades, levando-se em conta os anseios da emancipação do Espírito.

Fonte de Consulta

OUTHWAITE, W. e BOTTOMORE, T. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

Março/2004

A FILOSOFIA DO SÉCULO XX E SUA REPERCUSSÃO NO BRASIL

O Brasil, ao longo de sua história, recebeu influência de diversas correntes filosóficas. Eis algumas delas.

O **neotomismo** é o movimento filosófico que começa no século XIX como "um retorno à doutrina de Tomás de Aquino" ou revalorização do aristotelismo de Tomás de Aquino. No Brasil, o primeiro marco é a fundação da Faculdade de Filosofia S. Bento, em São Paulo, pelos monges beneditinos, em 1908. Durante o período republicano circunscreveu-se a reduzido número de intelectuais, por causa do desprestígio da Igreja. Somente na década 20 do nosso século retomaria o "o surto tomista". Dentre os propagadores dessa filosofia, citamos: Jacques Maritain, Leonardo Van Acker, Alexandre Correia (1890), Maurício Teixeira Leite Penido (1845) e Eduardo Prado de Mendonça.

O **neokantismo** é a tendência de superar o pensamento positivista do século XIX retornando à filosofia crítica de I. Kant. Miguel Reale aponta quatro momentos em que o Kantismo penetrou no Brasil: a) o Kantismo às vésperas de nossa Independência Política; b) Kant exerceu influência em São Paulo através do krausismo, ou seja, além da repercussão filosófica tinha também um cunho político; c) Tobias Barreto difundiu o conceito de Kantismo, na Escola de Recife; d) por último, em nosso século a influência do neokantismo ocorre, sobretudo, no campo da Filosofia do Direito, na teoria do conhecimento, na teoria da História e na redução da Filosofia à uma mera teoria da ciência.

O **neoidealismo** ou **neohegelianismo** é um movimento de reação contra o positivismo, baseado num idealismo gnoseológico. Enquanto o neokantismo põe limite ao pensamento, o neoidealismo amplia-o ao infinito. Luis Castagnola considera Renato Cirell Czerna, discípulo de Miguel Reale, o cultor do idealismo no Brasil. Além de Renato Cirell, Romano Galeffi, professor de Filosofia da Arte na Universidade Federal da Bahia, e Otto Maria Carpeaux, austríaco exilado no Brasil, contribuíram para o desenvolvimento das idéias hegelianas aqui em nossa terra.

O **marxismo** é a doutrina dos filósofos alemães Marx e Engels, fundada no materialismo dialético, na luta de classes e na relação capital trabalho. É

impossível acompanhar todas as traduções de obras de autores marxistas publicadas em nosso país. De acordo com Antonio Paim, em seu livro *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, o marxismo jamais despertou, no Brasil, qualquer movimento teórico de envergadura, nem depois da formação do partido político que pretende encarná-lo. Entre os pensadores marxistas brasileiros, lembramos de Caio Prado Jr. e Leôncio Basbaum.

O **positivismo** é o conjunto de doutrinas de Auguste Comte caracterizado, sobretudo, pelo impulso que deu ao desenvolvimento de uma orientação cientificista ao pensamento filosófico. A influência do Positivismo no Brasil perdura até hoje, principalmente na Religião e na Política. O regime político-militar instaurado em 1964, em sua concepção geral, é de inspiração positivista. Durante o Império e o início da República, o positivismo conseguiu uma expressão maior no Brasil que na própria França. Constituiu-se em verdadeira Religião. Augusto chegou a ser venerado pelos positivistas da mesma maneira como os católicos veneram Jesus Cristo.

Fonte de Consulta

ZILLES, U. *Grandes Tendências na Filosofia do Século XX e sua Influência no Brasil*. Caxias do Sul, EDUCS, 1987.

Julho/1998.

FILOSOFIA SOCIAL E FILOSOFIA DA CIÊNCIA SOCIAL

Classificar, definir, ordenar implica em limitar. Ora, distinguir o significado da filosofia social do da filosofia da ciência social é visualizar o que pode ser inserido no campo estrito da filosofia social e no campo estrito da filosofia da ciência social. Assim, o objetivo do presente estudo é fornecer subsídios para podermos caracterizar os limites do primeiro e do segundo termo.

A filosofia social distingue-se da filosofia da ciência social pela análise mais **normativa** dos fatos sociais. Na filosofia social discutimos idéias, levantamos questões, emitimos juízos de valor sobre a conduta humana; na filosofia da ciência social, queremos que os fatos sejam relacionados e provados dentro das regras da Epistemologia. É o procedimento da ciência aplicado no campo social. Auguste Comte pode ser considerado o seu idealizador.

A questão metodológica é sumamente importante para tal distinção. A filosofia da ciência social preocupa-se com a **testabilidade**, enquanto a filosofia social com a **sustentação**. Quer dizer, a **testabilidade** é necessária mas não suficiente para a **sustentação**. O filósofo social vai além da testabilidade no sentido de intuir idéias mais generalizadas sobre o comportamento humano dentro da sociedade organizada em que se encontra.

São muitos os filósofos sociais que fizeram propostas para a organização de uma sociedade mais perfeita e mais justa. Assim, a *República de Platão* é um paradigma do trabalho de filosofia social e, por isso mesmo, considerado um padrão. São também modelos, o *Leviathan* de Hobbes, o *Tratado de Governo* de Locke, o *Contrato Social* de Rousseau e os escritos de Karl Marx sobre o Manifesto Comunista.

A filosofia social, sendo normativa, está relacionada com a Ética. A Ética é parte da filosofia que trata do comportamento humano. Sendo assim, os filósofos sociais nas suas perquirições sobre o indivíduo, a sociedade e o cosmo não economizam forças para melhor compreenderem os diversos relacionamentos entre as pessoas, para daí construir modelos teóricos, em que se podem cumprir a lei natural da justiça, do amor e da caridade.

Saibamos ver nas entrelinhas o alcance da filosofia social, que nada mais é do que uma cosmovisão de mundo, onde sujeito e objeto se relacionam propiciando a oportunidade da prática do bem.

Fonte de Consulta

RUDNER, R. S. *Philosophy of Social Science*, USA, Prentice-Hall, 1966 (Foundations of Philosophy Series).

Setembro/1997

PERMANÊNCIA E TRANSIÇÃO

Permanência - do lat. *permanentia*, significa manar através de, para frente. É o caráter do que perdura apesar do tempo decorrido. Para Kant, é o princípio da substância, do que perdura identicamente na coisa. **Transitório** - do lat. *transitoriu* significa passagem de pouca duração. **Ação ou causa transitiva** é aquela que se esgota ou, pelo menos, se desgasta no seu efeito. Realiza-se no efeito, e sua limitação, neste, não implica uma limitação do agente.

A essência espiritual é o imóvel, o permanente no ser. O verdadeiro mundo é o mundo espiritual. O Espírito criado simples e ignorante faz a sua trajetória através das várias existências, ampliando em cada uma delas o estoque de ações, boas ou más, formando, assim, uma espécie de banco de dados de todas as suas experiências passadas. Teoricamente, o ser pensante poderia acessá-lo em qualquer momento, mas a fragilidade do corpo físico limita tudo o que estiver além de sua capacidade.

A essência material é o móvel, o transitório no ser. Serve de morada ao Espírito, e, tão logo este parte, o corpo deteriora-se. A questão da transitoriedade do corpo físico fica clara quando se estudam os casos de idiotia e loucura. Observe que esses Espíritos, depois de decorrido o tempo necessário para as devidas reintegrações no mundo espiritual, agem como se

não tivessem sido idiotas ou loucos. Recobram, por assim dizer, a permanência do ser espiritual.

A **felicidade** é um desses vocábulos que poderia servir de exemplo à relação permanência/transição. A felicidade deve ser considerada como o estado permanente, aquilo que pertence à essência do ser. Os deslizos, as rusgas, as contrariedades são momentos de transição que servem para solidificar o permanente. Nesse sentido, o sábio é uma pessoa feliz, pois faça sol, chova, haja desgostos, permanece inalterado como o relógio durante as tempestades.

Nossa vida cotidiana deveria ser uma aproximação cada vez maior da felicidade apreendida pelos grandes gênios da humanidade. À medida que vamos refletindo sobre a nossa pequenez, sobre o nosso estado ainda inferior de evolução, vamos também adquirindo força para enfrentar o mar alto das grandes provas. Sem esforço, disciplina e aplicação não chegaremos ao estado de Espíritos puros.

Perseveremos na busca do Bem Supremo. Mais cedo ou mais tarde as portas da vida abrem-se para a verdadeira compreensão do "eu", do "outro" e do "mundo".

Fonte de Consulta

LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

Outubro/1997

Verdade e Liberdade

A VERDADE NÃO ADMITE CONTESTAÇÃO

Na Antiguidade clássica grega, a filosofia era concebida como "a arte de viver", em que a doutrina (ou teoria) deveria harmonizar-se com a existência (ou o modo de viver e de morrer). De acordo com tal definição, o verdadeiro filósofo não é aquele que cria sistemas de idéias, mas aquele que vive de acordo com o seu pensamento, ou seja, aquele que procura ardentemente a verdade, independentemente de agradar ou desagradar aos seus semelhantes.

Sócrates, Platão, Aristóteles e outros pensadores nos ensinaram que a verdade não pode ser contestada, pois no justo momento que a estivermos refutando, seremos refutados por ela. O erro pode proliferar-se por algum tempo, como acontece na parábola do joio e do trigo, contada por Jesus. Contudo, na época da colheita, o trigo é recolhido e o joio descartado. Do mesmo modo é a verdade em relação ao erro: não é por crescer em poder que este se tornará verdadeiro.

A verdade nem sempre está nos *fatos*, pois estes podem ser manipulados e adquirir as características de *verdadeiro*. A verdade está na percepção do ser que, através de suas lentes interiores, vai se descobrindo para novas e variadas verdades. Acontece, porém, que nos portamos como "os olhos do morcego durante o dia". A realidade está à nossa frente, com toda a sua exuberância e sabedoria. Como não conseguimos vislumbrá-la na sua totalidade, perdemos-nos nas suas minudências insignificantes.

A **verdade** – do grego *aletheia*, formada de *alpha* (privativo) e *lanthano* ("escondo") significa *o que não está escondido*. Como se explica? Dado o nosso livre-arbítrio, podemos escolher o caminho do erro, mas chegará o dia em que deveremos nos voltar para a verdade. Por isso, diz-se que a verdade surpreenderá todo o mundo. É que a lei de ação e reação forma uma espécie de determinismo em nossa existência. O ensinamento de Jesus retrata bem esse pensamento: "Não há nada oculto que não venha à luz". Chegado o momento propício, a verdade inicia a sua marcha e nada poderá detê-la.

A verdade é o ser das coisas. Aristóteles diz-nos que não conhecemos o *verdadeiro* sem conhecer a *causa*. Cita o exemplo: o fogo é quente no grau máximo porque é causa do calor nas coisas. Este pensamento de Aristóteles é um verdadeiro antídoto para as ideologias vigentes, pois estas manipulam o *verdadeiro* e substituem-no pelo *considerar verdadeiro*. Pergunta-se: quem derrubou a ideologia do marxismo? Não foram outras ideologias, mas a própria coisa e a realidade, ou seja, a *verdade do ser*.

Olhemos tudo pela essência que lhe é própria. A filosofia nada mais é do que essa busca incessante da verdade, no sentido de melhorarmos a percepção do mundo que nos rodeia.

Fonte de Consulta

REALE, Giovanni. *O Saber dos Antigos: Terapia para os Dias Atuais*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 1999.

Novembro/2003

MARCHA DA VERDADE

Em filosofia, a verdade é a correspondência entre o observador e a coisa observada. Todas as vezes que a nossa visão microcós mica coincidir com o grande mundo macrocosmo, podemos dizer que estamos de posse da verdade (relativa, é claro).

No transcorrer da vida, somos sempre levados para os caminhos que desejamos percorrer. É uma espécie de determinismo orientando os nossos passos. Por esta razão, diz-se que quem nasceu para ser prego nunca chegará a ser martelo. Como cada um de nós tem um projeto de vida distinto, o que para uns chega rápido para outros pode demorar muito. É que o destino gosta das peripécias da existência, dando-nos o tempo suficiente para nos preparamos para a missão que temos de cumprir.

Quer queiramos ou não, a verdade segue sua marcha firme e segura. Não são poucas as orientações dos grandes mestres da humanidade alertando-nos para tal mister. Observe a exortação de Cristo quando nos diz que não há nada secreto que não venha à luz. Essa advertência leva-nos a pensar que nada do que esteja sendo burilado em nosso interior, tanto para o bem como para o mal, ficará para sempre escondido. Um dia, quando menos esperarmos, estaremos nos beneficiando daquilo que foi preparado hora por hora, dia por dia, mês por mês, ano por ano.

O tempo, essa lima que corrói silenciosamente, mostra, no momento certo, todo o defeito do bem e do mal. Não é pois por crescer em poder que o falso chegará a ser verdadeiro; muitas vezes, a verdade se esconde no fundo, e são necessários muitos anos para descobri-la. Por isso, todos os que sofrem no caminho que a fé os lançar, não deveriam se lastimar das agruras do destino, mas, ao contrário, pedir forças ao Alto para suportar com galhardia a realização plena dos desígnios de Deus.

Seguir uma determinada rota, apesar das asperezas do dia-a-dia, mostra o quanto uma alma está cônica de seus deveres. A todo o momento estamos sendo convidados para os vícios e os prazeres sensuais, os quais, se atendidos, levam-nos a estacionar à beira do caminho. Quão apertado é o caminho que nos leva à perfeição, pois para percorrê-lo temos de renunciar aos gozos da matéria, inclusive aos ímpetos do próprio personalismo. Contudo, Jesus Cristo assevera: "Aquele que perseverar até o fim será salvo".

A verdade iniciou a marcha e nada poderá detê-la. Quer dizer, estejamos preparados para aceitá-la sempre que nos bater à porta.

Junho/2001

LIBERDADE

No seu sentido geral, liberdade é estado do ser que não sofre constrangimento, que age conforme a sua vontade, a sua natureza. Como é uma palavra polissêmica, há mais de 200 sentidos registrados pelos historiadores de idéias. A língua inglesa, por exemplo, distingue dois conteúdos, usando as palavras *freedone liberty*. *Freedon* refere-se ao princípio interno de escolha e de ação. É o seu aspecto positivo. *Liberty* refere-se à ausência de coação externa. É o seu aspecto negativo.

A liberdade pode ser vista pelo lado do *sujeito*, do *objeto* e das *diversas designações* que lhe correspondem. No âmbito do *sujeito*, há que se considerar a possibilidade de autodeterminação, a indeterminação, a ausência de interferência etc. No âmbito do *objeto*, temos a liberdade privada ou pessoal, a liberdade pública, política, moral, social etc. A liberdade prende-se, também, com os conceitos de livre-arbítrio, razão, ato, autonomia, vontade, "boa vontade" etc.

Foi o homem sempre livre? Foi sempre racional? Quando ele passou de uma situação de irracionalidade para uma de racionalidade? De acordo com as instruções dos Espíritos, podemos dizer que o Espírito, criado simples e ignorante, é auxiliado, na fase inicial de sua evolução, pelos protetores espirituais. Com o passar do tempo, vai deixando ao sabor de suas próprias forças, especificamente quando adquire o pensamento contínuo, o livre-arbítrio a razão e a responsabilidade. É aí que consegue responder pelos seus atos.

O que é uma ação livre? A ação é livre quando tem alguém que responde por ela. A resposta implica responsabilidade. Nesse sentido, somente *no* homem e *do* homem pode-se falar de liberdade. Deus e o animal não entram no processo, pois o animal, pelo que até conseguimos saber, não tem o poder de escolher pelo raciocínio, pelo senso moral. De Deus nada sabemos, porque está acima de nossa limitação pessoal. Somente no homem foi possível tratar da ação livre e da sua conseqüência.

Livre-arbítrio e fatalidade relacionam-se com a liberdade. A pergunta número 851, de *O Livro dos Espíritos*, diz: Há fatalidade nos acontecimentos da vida? Nesse caso, em que se torna o livre-arbítrio? Resposta: a fatalidade existe quando o Espírito escolhe as suas provas. Uma vez escolhidas, deverá passar por elas. O livre-arbítrio consiste em resistir ou ceder à tentação da prova. Um exemplo: suponha que tenhamos pedido para nascer no ambiente de vício. Estando no meio dos viciados, cabe-nos fazer esforços de resistir aos seus estímulos.

"Conhecereis a verdade e verdade vos libertará" é o dístico extraído dos ensinamentos de Jesus. Serve para muitas situações, inclusive para a libertação do ser humano das amarras do mal. É preciso, pois, refletir sobre as ações que nos tornam livres e não aquelas que nos aprisionam. Por isso, Jean Jacques Rousseau disse, e com muita sabedoria, que muitos se julgam livres, mas não vêm os laços que os prendem. É o caso do vício. Ele, a princípio, causa prazer, mas, depois, deixa-nos dele dependentes, impedindo que possamos praticar outros atos livres.

Busquemos, assim, a todo custo a verdade que nos liberta, ainda que para isso sejamos constrangidos a sofrimentos atroz. Somente quando tivermos capacidade de transcender o mundo que habitamos, seremos capazes de transcender a nos mesmos.

11/10/2006

LIBERDADE, DOCTRINAS FILOSÓFICAS E RELIGIÃO

O **liberalismo**, como doutrina político-filosófica, prega a liberdade, identificando-a com a espontaneidade. Segundo os seus postulados, os indivíduos agiriam através de impulsos livres. Nada coibiria as ações humanas, desde que ajustadas à subjetividade de cada consciência. Esta, por sua vez, refletiria apenas o determinismo automático e não o autodeterminismo.

Para o **existencialismo**, a liberdade identifica-se com a imaginação. Seu conteúdo filosófico é baseado na esquizofrenia, ou seja, caracterizado pela fuga real. Para Sartre, o ser é originalmente existência pura, sem essência. Nesse sentido, o homem, ao nascer, não tem escolha, mas assim mesmo escolhe e é responsabilizado pelos seus atos. Ele é considerado como estranho aos outros homens e por isso os trata hostilmente. Sem perspectivas futuras, a existência é absurda e a vida se transforma em **angústia**.

Para o marxismo, a liberdade se identifica com a libertação. Esta se realizaria plenamente quando a sociedade tivesse atingido o Comunismo. Para chegar a esta situação, os indivíduos devem renunciar à propriedade privada, subordinando-se ao estado totalitário. Desta forma, a religião, a burguesia e o não lutar contra as estruturas sociais são atitudes alienantes. Porém, a realidade é que esse modo de ver a libertação expressa um conceito alienante de liberdade.

Para a religião, a liberdade identifica-se com o sacrifício. As propostas são de renúncia à própria personalidade, de obediência à vontade de Deus e de arrependimento pelas más ações cometidas. Procedendo desta forma, vivenciaremos plenamente o bem e tornar-nos-emos bem-aventurados no reino dos céus. Lá receberemos as recompensas pelo esquecimento da injúria, pelo perdão concedido aos nossos ofensores e pela quietude do espírito nas situações críticas da existência.

O problema da liberdade tem sido obscurecido por algumas teses filosóficas e por diversos credos religiosos. Contudo, a mente religiosa, tem sido um auxiliar competente. Esta não se prende aos dogmas, aos rituais e às idolatrias. Mantém-se serena através do perfeito relacionamento com o Ser Superior, com o próximo e consigo mesma. Pela autodeterminação, escolhe atos livres que ampliam outros atos livres e não os que os tolham.

Embora as teses existencialistas, marxistas e liberalistas devam ser respeitadas, não podemos negar que a liberdade ultrapassa os limites do

sensível para se situar no plano transcendental de nossa vida. Por isso a frase: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".

Fonte de Consulta

MENDONÇA, E. P. de. *A Construção da Liberdade*. São Paulo, Convívio, 1977.

Julho/2002

DEVER E A MUTILAÇÃO DA LIBERDADE

O dever, na sua origem, e segundo os estóicos, pertencia a uma ética fundada na norma do "viver segundo a natureza", isto é, conformar-se à ordem racional do todo. Os estóicos não se referiam à felicidade, ao prazer ou à conquista de virtudes; simplesmente alimentavam a crença que, havendo uma lei natural, a conduta humana nela seria alicerçada. Isso já era o suficiente para pautar o comportamento de cada ser humano.

Sócrates, Platão e Aristóteles, filósofos gregos da Grécia clássica, deram outro verniz ao dever: embora aceitassem a conformação com a ordem racional do todo, procuraram relacioná-lo com a felicidade e a prática das virtudes. Colocavam a busca da felicidade (*eudaimonia*) no centro da vida moral. Para eles, o homem feliz é aquele cujo *daimon* (divino) é virtuoso. Esta foi a concepção que permaneceu ao longo da história.

Durante a Idade Média, a filosofia ficou totalmente à mercê da Igreja. Esse período, denominado de escolástica, caracterizou-se pela construção de um saber alicerçado na lógica aristotélica. Para esses religiosos, o dever tinha íntima relação com os mandamentos, mandamentos esses alicerçados no Evangelho de Jesus. Porém, eles tomam a palavra mandamento, não no seu sentido grego de *entolé* (ensino, instrução), mas no de ordenação, ou seja, obediência à autoridade, que no caso específico referia-se ao Papa, aos vigários ou aos padres.

A ingerência da Igreja mutilou o pensamento inovador. O servo tem que obedecer, sob pena de cometer o pecado. Observe que na Boa Nova do Cristo não existe a palavra *dever*. O que consta nos seus ensinamentos é a palavra "**feliz**", que aparece 55 vezes no Novo Testamento. A palavra feliz dá a idéia de liberdade, de conformação à vontade de Deus, mas de forma espontânea e não como uma obrigação, um temor da divindade. Veja a irracionalidade do pecado original: uma mancha que todos nós herdamos ao vir a este mundo.

A pressão religiosa carrega-nos de medos, de pecados e de proibições. É como se Deus dissesse: "Não coma da árvore da ciência do bem e do mal, porque será enviado ao fogo do inferno". A aceitação passiva dessa ordenação rouba-nos energia vital, pois acabamos frustrando a nossa própria natureza em detrimento de uma proibição vinda dos altos mandatários da Igreja ou das

religiões. O nosso livre-arbítrio se tolhe e parece que não temos força de decidir por nós mesmos.

Tenhamos a mente livre para uma atitude crítica. Somente assim vamo-nos libertando do mal e embalando-nos no bem, elemento fundamental da ampliação de nossa visão de mundo e de nós mesmos.

Fonte de Consulta

PLÉ, ALBERT. Por Dever ou por Prazer? Tradução de Jean Briant. São Paulo: Paulinas, 1984 (Pesquisa e Projeto, 3)

Abril/2004

AVESSO DA LIBERDADE

Avesso da Liberdade é o título do livro organizado pelo jornalista e professor Aduino Novaes. Ele é o resultado de um ciclo de conferências, construído na forma de diálogo entre os filósofos. Renato Janine Ribeiro, professor de Filosofia Política e Estética da USP, Renaud Barbares, Professor titular da História da Filosofia na Universidade Blaise Pascal, de Clement-Ferrand (França), Gerd Bornheim, Professor de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro, Olgaria Matos, Professora de Filosofia da USP e Fábio Konder Comparato, Professor de Direito da USP são alguns desses pensadores.

A invenção da liberdade, os caminhos da democracia e as cidades modernas, construídas sobre concepções, na maioria ilusórias, de democracia e liberdade, são, portanto, os três grandes temas deste livro. A idéia central subjacente refere-se à natureza do homem, que se define pela necessidade de liberdade, "necessidade espontânea que brota da essência do próprio ser". Contudo, por estar no mundo, o homem está sujeito a determinações exteriores: assim, muitas vezes ele não realiza a condição natural e humana de sua potência (que é ser livre) para se deixar dominar, tornar-se servo.

Paul Valéry, no seu ensaio *Flutuações sobre a Liberdade*, publicado em 1938, diz: "Liberdade: uma destas palavras detestáveis que têm mais valor do que sentido". O juízo de valor acaba dando a cada um o sentido que lhe apraz. Rousseau, por exemplo, fala que "Todo o homem nasce livre, mas em toda a parte se vê acorrentado". Voltaire, por seu turno diz: "Não concordo com nada do que você pensa, mas defenderei o seu direito de dizê-lo até o fim". A liberdade nos regimes comunistas é mesma dos países democráticos?

Liberdade é uma palavra polissêmica: ao longo da história ela foi construída pela teologia, pela metafísica, pela moral e pela política. Hoje, ela é entendida como liberdade-ídolo, mistificação liberal, inscrita nas bandeiras, nas constituições e na publicidade. Para bem compreendê-la devemos verificar em

qual sentido a estamos usando, pois ela pode servir a muitas discussões, sem proveito algum para a construção de um saber sólido e verdadeiro. Ainda: na sua própria história, a liberdade traz o seu contrário, ou seja, a escravidão.

A liberdade comporta riscos, ilusões e fracassos, pois está carregada de atitudes emotivas, acepções religiosas, políticas e morais. A palavra que usamos hoje foi construída pelos mais diversos indivíduos e nas mais diversas circunstâncias, o que dificulta ainda mais o seu exato sentido. Observe, por exemplo, a propaganda de uma determinada marca de cigarro: uma pessoa saudável, montada num cavalo, à beira de um lago, usufruindo a liberdade de fumar. O que a propaganda não mostra? O vício que cria no consumidor. Este, ao tragar a fumaça do seu cigarro, limita os seus atos livres, porém não aparece nos comerciais.

Estejamos convictos de nossa liberdade. Não seremos livres pela nossa vontade, mas somente quando estivermos de posse de nossa potência de agir.

Fonte de Consulta

NOVAES, Adauto (Organizador). *O Averso da Liberdade*. São Paulo: Cia Letras, 2002.

Maio/2006

DISTÚRBIOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO DA VONTADE

ANSIEDADE

O Medo e a ansiedade, características da personalidade neurótica, são, ambos, reações proporcionais ao perigo. No caso do medo, o perigo é manifesto e objetivo enquanto no da ansiedade é oculto e subjetivo. Este último, portanto, mais difícil de ser detectado e domado.

Todos, em menor ou maior grau, estamos sujeitos à ansiedade. O problema está na sua administração: uns preferem racionalizá-la, outros narcotizá-la e outros ainda evitá-la. Sempre que assim agirmos, estaremos nos distanciando da resolução do problema. Se, por exemplo, para esquecer-la afogamo-nos nas bebidas ou nos narcóticos, é possível que a consequência

deste ato traga-nos, não uma diminuição, mas um aumento substancial da própria ansiedade.

O medo da solidão pode estimular a prática de atividades sociais. O sentimento de inutilidade, nesta situação, desencadeia pensamentos altruístas com relação ao próximo. Racionalizamos: já que estou sem fazer nada, por que não empregar o tempo em prol do meu irmão, em maior dificuldade que a minha? A idéia, em si mesma, não é má. Mas, estamos preparados psicologicamente para tal empreendimento? Ou será como um fogo-de-palha que mal acaba de acender e já se apaga? Qualquer tipo de caridade é bem recebida, contudo importa exercitá-la de forma consciente.

A ansiedade tem relação com a debilidade. A maioria de nós conhece relações entre casados, irmãos e amigos em que a pessoa neurótica age como um condutor escravo, usando a sua debilidade como chicote para obrigar o outro a atender às suas vontades, de modo a exigir atenção e auxílio permanentes. Esquecem-se de que cada um é o construtor do seu próprio destino. Talvez fosse importante termos sempre em mente: nunca peça ajuda ao outro naquilo que você pode fazer por si mesmo.

Quanto mais neurótica for a pessoa, tanto mais a sua personalidade se apresentará eivada de defesas. Tanto maior será, também, o número de coisas que ela não poderá fazer ou nem pensará fazer, conquanto fosse lícito esperar que as fizesse, em face de sua vitalidade, capacidade intelectual ou formação educacional. Quanto mais grave a neurose, tanto maior o número de inibições presentes, quer sutis, quer gritantes.

A cura real está na convivência pacífica com a ansiedade. Não adianta negá-la ou afogá-la, pois é somente tomando consciência de sua existência, isentos de idéias preconcebidas, que adquiriremos força para vencê-la.

Fonte de Consulta

HORNEY, K. *A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1959.

Julho/1996

SOLIDÃO

A **solidão**, segundo o dicionário, significa pessoa que vive só; isolamento. Daí surge a questão: a solidão é isolamento? Em realidade, a solidão não é fuga da sociedade; ela é uma forma de meditação e reflexão para que o ser humano possa alcançar uma nova visão de mundo. Para muitos, ela incomoda; contudo, somente ela é capaz de nos dar subsídios para uma boa convivência com os demais seres humanos.

O filósofo precisa de solidão? Sim. Segundo Novalis, "A filosofia significa, em sentido próprio, nostalgia do lar, impulso a estar, por toda parte, em casa". E, de acordo com Buzzi, "Quem deseja aprender a filosofar vai para a solidão. Solidão é tarefa e esforço de conviver com as coisas na escuta do *obscuro* de seu estar-aí. Um conviver desarmado, um confrontar-se com a experiência sem os recursos de qualquer conhecimento, um encontrar-se corpo a corpo. Feliz quem pode com essa solidão. Dela nascerá um novo mundo, um respeito diferente às coisas que nos cercam".

Para bem filosofar, devemos ir ao deserto e esvaziar o pensamento dos preconceitos, inclusive da própria ciência. Por que o deserto? No deserto não há muitos atrativos como os encontramos nos grandes centros urbanos. Lá não há o desejo consumista de alimentos, roupas e diversões várias. Somos, por força da natureza, obrigados a voltarmos-nos para dentro de nós mesmos. Sem a influência de qualquer pessoa, somos abandonados ao nosso próprio pensamento. Em contato com o nosso centro, refletimos mais detalhadamente sobre os nossos pontos fracos e os nossos pontos fortes. Em fim, exercitamos o preceito áureo deixado por Sócrates: "Uma vida sem exame não merece ser vivida".

A solidão propicia-nos vislumbrar um mundo totalmente diferente daquele que se nos apresenta os meios de comunicação. Entrando num estado de meditação profunda, podemos elevar os nossos pensamentos a Deus e receber Dele, ou dos Espíritos superiores, inspirações sobre a profundidade da vida, instruções sobre a conduta em sociedade e noções mais detalhadas sobre a lei do amor, da justiça e da caridade. Nesse êxtase, esquecemo-nos de nós mesmos e o nosso "eu espiritual" desprende-se momentaneamente do corpo físico e vai visitar outros mundos em que reina a paz e harmonia universal.

Nietzsche dizia que onde cessa a solidão, aí começa a feira. A feira representa o alarido dos grandes comediantes e o zunido das moscas. Filosoficamente considerada, é o estado da superficialidade do homem, que vive somente para o seu ganha-pão, útil para o sustento físico, mas que não acrescenta muito ao "eu" mais profundo. Na solidão, entretanto, o homem vai buscar a lenta experiência de todos os poços profundos. É longe da feira e da fama que se constroem os novos e verdadeiros valores morais.

Não temamos a solidão. O que, a princípio parece pesadelo, com o tempo, torna-se um refúgio para a percepção das grandes verdades, as quais serão muito úteis para o nosso desenvolvimento moral e espiritual.

Abril/2006

VIOLÊNCIA

Violência – Da raiz *vis* significa o uso da força para atingir determinados objetivos. A violência serve muitas vezes para estimular o crescimento das atividades econômicas, pois os indivíduos para se defenderem, começam a produzir mais armas, mais grades de proteção, alarmes etc. Os meios acabam justificando fins, isto é, como há o crime e o assalto, o cidadão precisa defender-se. Observe a guerra dos Estados Unidos contra o Iraque: até hoje não se descobriu as armas químicas, motivo da ocupação norte-americana.

Geralmente, costuma-se fazer comparações entre o *comportamento agressivo dos animais* e o comportamento do homem. Colocam-se alguns ratos dentro de um labirinto; depois de algum tempo, eles estão brigando um com o outro. Por comparação, diz-se que o homem apinhado nos grandes centros é portador de agressividade. Contudo, não é preciso estudar o animal para explicar a violência no homem. A observação da superpopulação de uma favela, em várias cidades do mundo, é o suficiente.

A *communis opinio* entende que a violência origina-se do ódio. Pesquisas em Ciências Sociais nos mostram que a violência é mais natural do que se pode imaginar. O ódio não é uma reação automática à miséria e ao sofrimento como tais; ninguém reage com um sentimento de ódio a uma doença incurável. O indivíduo sente ódio quando percebe que um acontecimento está impregnado de algum tipo de injustiça. Quando acha que aquele *status quo* pode e deve ser mudado, o que pode transformar o ódio em violência.

Registremos também a ocorrência da violência, tanto manifesta como velada. Tomemos, como exemplo, o relato bíblico em que Deus expulsa Adão e Eva do paraíso. A violência não está manifesta, mas velada, pois ninguém bateu em ninguém. Se Deus é todo bondade e todo misericórdia, como Ele poderia, ao mesmo tempo, mostrar o seu contrário, expulsando os seus próprios filhos, simplesmente porque o desobedeceram? O perdão não estaria mais de acordo com sua mansuetude?

A sociedade, influenciada pelas idéias de grandes pensadores, tais como Hobbes, Darwin e outros, acabam ajudando a automatizar a violência em nossas ações. Hobbes fala que "o homem é lobo do próprio homem", Darwin, que estudou a evolução das espécies, empresta à sociedade a "seleção dos mais aptos", em que o homem acaba pisando o seu semelhante para conseguir a sua ascensão ao poder. A lei de cooperação, ensinada por Jesus, é deixada de lado como coisa retrógrada. Contudo, como a verdade não admite contestação, mais dias menos dias, ela refulgirá com todo o seu brilho.

Quer queiramos ou não, o tempo, o grande mestre da humanidade, acaba por colocar todas as coisas no seu devido lugar. E a norma trazida por Jesus será o lema de toda a humanidade, ou seja, "cada um deve fazer aos outros o que gostaria que os outros o fizessem".

Novembro/2003

DROGAS

Hoje, em qualquer lugar do mundo, alguém experimentará a droga pela primeira vez. Poderá tornar-se um drogado, ou não. Mas, o que leva uma pessoa a drogar-se? São muitos os fatores: o desgosto pela vida, algum desejo reprimido, briga com um ente querido. No fundo de tais causas, acreditamos nós, está a fuga para não enfrentar os problemas que dizem respeito à nossa própria existência. Não são poucos aqueles que ligados a uma instituição religiosa dizem adeus às drogas e iniciam um trabalho de ajuda àqueles que ainda se drogam.

Os países ricos, em muitos aspectos, são responsáveis pela produção de droga nos países em desenvolvimento. Como as atividades econômicas dos países pobres são insuficientes para gerar renda e emprego que atendam às necessidades básicas, as populações destes países acabam aceitando o apelo de um poder aquisitivo mais elevado. Embora sujeitos aos riscos de tal empreendimento, para muitos é a porta de salvação monetária, levando muitos a renegar o valor moral de tal trabalho.

A questão das drogas tem sido muito mais uma questão de repressão do que de educação. Observe a guerra que se trava tanto do lado dos produtores como do lado dos consumidores. Nesse sentido, a droga e o drogado geram custos altíssimos para a sociedade, dado o caráter ilegal de tal empreendimento. Pergunta-se: qual o custo social de tal atividade? Se somássemos o salário do juiz, o salário do policial, as idas e vindas dos familiares, o suborno, os hospitais de correção e as casas assistenciais, teríamos um medida aproximada.

A comissão das Nações Unidas que trata das drogas e narcóticos está discutindo "a minuta de declaração sobre os princípios que irão guiar a redução da demanda por drogas". Além da redução da demanda, essa abordagem tem outra característica meritória: o afastamento de uma postura fortemente punitiva. Alega-se que se os países que têm uma alta concentração de renda, especialmente os Estados Unidos, pararem de confiar apenas na restrição brutal da oferta e na punição, igualmente brutal da demanda, muito se terá conseguido.

A declaração, que nada mais é do que um estímulo à mudança de conduta, deve cobrir todos os aspectos de prevenção: informação, educação, consciência por parte do público, intervenção preventiva, aconselhamento, tratamento, reabilitação, prevenção contra uma recaída, acompanhamento posterior e reintegração à sociedade. Não se deve medir esforços na busca de todos os grupos sociais factíveis de se drogarem, inclusive, os detentos.

Muito embora a façanha seja difícil, o colocar mãos à obra dá um certo sabor de tranqüilidade de consciência, pelo fato de se ter tentado eliminar esse cancro de nossa sociedade.

Março/1998

VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO

A **violência** caracteriza-se pelo autoritarismo na educação, pelo monopólio do poder nas esferas governamentais, pela corrupção dos homens de Estado, pela posse de coisas ilícitas, pelos esforços de santidade, pelo egoísmo material, pelo consumismo exacerbado, pelo individualismo etc.

O **autoritarismo na educação**, uma das formas de violência apontada, pode ser observado na conduta de alguns educadores que, tendo o dever de *intervir* em vidas através de um *convite* ao conhecimento, acabam por *invadi-las* através de um diálogo doutrinante. Agindo desta forma, nada mais fazem do que estender suas próprias confusões mentais. A verdadeira educação, por outro lado, tem como paradigma central ensinar o educando a pensar com a própria cabeça, inclusive estimulando-o a contradizer sempre que sentir que os outros não estão expressando a verdade dos fatos.

Os **meios de comunicação social** têm papel relevante na disseminação da violência, uma vez que dá valor ao *extraordinário* (assalto, brigas, seqüestro) em detrimento do *cotidiano* (trabalhar, divertir-se, estudar). Observe, por exemplo, o estímulo de compra: a imagem veiculada pode ser a sugestão ao consumo de bebida, sexo, divertimento etc. Suponha que o receptor da mensagem veiculada não tenha recursos para usufruir do referido bem. O que ele fará, uma vez que o imaginário tornou-se, depois de veiculado, uma necessidade real? Muitos que não têm força moral elevada acabam por aderir ao crime, à violência.

O **individualismo e o consumismo** são outras formas de violência. É que na atualidade há um processo de reificação (coisificação), em que os indivíduos estão se transformando em coisas, inclusive em coisas descartáveis quando já não mais produzem. Confundimos o *ter* com o *ser*; por isso a ênfase que damos à posse, ao status social, à riqueza, ao utilitarismo. Nesse sentido, o efeito demonstração da economia assume papel relevante no destaque dos atos violentos. Pensamos: se o meu vizinho tem por que eu não posso ter? Se ele sobressaiu-se na vida, por que eu também não posso? As coisas estimulam-nos a *ter*, preterindo o *ser*, bom, amável, atencioso, prestimoso.

Distingamos razão e emoção. Desde que surgiu Descartes, e com ele o racionalismo, a razão tornou-se um mito, que nos dizeres de Alceu Amoroso Lima, é tomar o absoluto pelo relativo. Foi isso mesmo o que aconteceu com a razão; elevamo-la à condição de deusa, em detrimento da fé, da emoção e do sentimento. O anseio pelo tecnicismo, pela posse, pelo consumo faz-nos esquecer de que o século XXI, que ora se inicia, será um século de luzes espirituais, em que prevalecerão as coisas do espírito e não as da matéria.

A violência apresenta-se tanto de forma ostensiva como de forma sutil. Saibamos detectá-las onde quer que se encontrem, procurando o caminho inverso, ou seja, o caminho da paz, da confraternização e da cooperação mútua.

Fonte de Consulta

MORAIS, R. *Violência e Educação*. Campinas, SP, Papirus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Abril/2001

EDUCAÇÃO DA VONTADE

Vontade - do latim *voluntate* significa a faculdade de representar um ato que pode ou não ser praticado. A vontade tende para a apreensão, pelo intelecto, dos bens que são apresentados através da cognição subjetiva. Portanto, a vontade é um grau mais perfeito do intelecto, pois o intelecto tem como objeto o ser enquanto ser, mas a vontade tende para o objeto enquanto apetecível.

Ação refletida é o ponto central da educação da vontade. Urge termos plena consciência de cada ação praticada. Somente depois de sopesarmos os prós e os contras de um ato é que devemos tomar uma decisão a favor ou contra. O esforço de transformar esse pensamento em hábito capacita-nos a disciplinar nosso querer.

Toda mudança de rotina é difícil. Uma vez iniciada, não são poucas as sugestões negativas a desencorajar-nos. Se mantivermos uma postura otimista, embora sofrendo as investidas contrárias, tal atitude fortalecer-se-á por si mesma. É que forças insuspeitas que estavam arquivadas no subconsciente emergem e quebram a casca da inércia.

São essenciais os exercícios para a disciplina da vontade. Afirmam os psicólogos que todo o esforço despendido na mudança dos automatismos, por mínimo que seja, produz resultados inesperados. Observe que a disposição de nos mantermos sóbrios diante de uma dada situação cria a idéia de sobriedade para o conjunto de nossos atos; a eliminação de uma atitude de preguiça deixa o corpo alerta para a maioria de nossas atitudes.

A evolução moral e a evolução espiritual não se dão aos saltos. A vigilância dos nossos desejos é de vital importância para o progresso do nosso querer. Nesse sentido, muito contribuirá para o bom êxito dos nossos propósitos a melhoria de nosso comportamento: postura correta, roupas adequadas e isenção de cacoetes.

Tenhamos em mente o dinamismo da vida. Nada de pusilanimidade, quando as circunstâncias obrigarem-nos a mudar de conduta, pois somente assim eliminaremos os últimos resquícios da rotineira comodidade.

Julho/1996

VONTADE - ESFORÇO E REPOUSO

Os grandes homens são conhecidos pelos constantes esforços despendidos na execução de suas obras. Não deixaram escapar um minuto do precioso tempo. Na fila do ônibus ou à espera no consultório médico tinham sempre à disposição lápis e papel para rascunharem suas idéias ou um livro para entreterem-se seus pensamentos.

O esforço tem íntima relação com a saúde. Um corpo são, vigoroso e flexível suporta melhor a carga de trabalho do que um doente, fraco e rígido. Isto não significa que as pessoas fracas estejam impossibilitadas de produzir. Se ponderarem conscientemente a meta a atingir com relação as suas capacidades físicas verão que poderão fazer muito. Lembremo-nos de que mesmos cansados e com os pés desconjuntados podemos caminhar um pouco mais.

O repouso é o prêmio do trabalho; não é o fim em si mesmo, mas refazimento das forças alocadas no trabalho. Deve-se, assim, evitar de transformá-lo em gerador de novas tensões. O trabalhador intelectual, por exemplo, não deveria refazer suas forças jogando xadrez; melhor seria caminhar ao ar livre, arrotear plantas ou aplicar-se à carpintaria. O trabalhador braçal, ao contrário, poderia dedicar-se à leitura.

Romper velhos hábitos tem sua recompensa. No começo é difícil, pois acostumados à preguiça, nem sempre o corpo responde com precisão à nova postura. Perseveremos, porque uma vez automatizado esse novo proceder, quando o deixarmos de realizar, sentiremos sua falta, visto tornar-se um hábito para nós. Observe a disposição de trabalhar logo ao levantar-se: no começo queremos ficar um pouco mais na cama; vamos inventar uma série de subterfúgios para eximir-nos da decisão tomada. Porém, persistindo, criamos o hábito e não perdemos tempo na execução do projeto.

Criar um novo hábito não é difícil; o problema está na sua manutenção. Nesse mister, algumas precauções são valiosas: especificar claramente o objetivo a ser atingido, agir sempre reflexivamente e preparar-se mentalmente para tal realização. Suponhamos a prática do preceito "trabalhar logo ao levantar-se" com relação à tarefa de escrever um artigo. No dia anterior, antes de dormir, deixar lápis, papel e livros de consulta à disposição, de modo que não haja razões para adiarmos o trabalho, a não ser em circunstâncias fortuitas.

em mente que a vontade cria o hábito. Envidemos, assim, todos os esforços na criação de hábitos salutareos caso queiramos viver eficazmente. Somente desta forma dominaremos a nós mesmos e produziremos mais em sociedade.

Fonte de Consulta

PAYOT, J. *La Educación de la Voluntad*. Buenos Aires, El Ateneo, 1943 (Colección Cultura Universal).

JAGOT, P. C. *Como Aprender a Querer com Tenacidade*. Santiago do Chile, Zig-Zag, 1938.

Janeiro/1996

VONTADE HUMANA E VONTADE DIVINA

Agimos de conformidade com atos automáticos e atos voluntários. A vontade humana situa-se no âmbito dos atos voluntários. É o poder que tem o espírito de se determinar, com consciência e reflexão, a uma ação de sua escolha. Sua natureza prende-se ao fato de que quando tomamos uma decisão, obedecemos, não apenas a nossos motivos, tendências e impulsos, mas, antes e sobretudo, a uma força interior que nos é própria. De acordo com esta definição, cada um de nós deveria fazer esforços no sentido de suplantar os automatismos do cotidiano.

A vontade humana é extremamente versátil, porque às vezes é débil, outras enérgica e muitas vezes apática. Dentre os defeitos da vontade estão os seguintes fatos: tendência para evadir-se do real, a dispersão mental, o descontrole da imaginação e principalmente a ociosidade como consequência da preguiça. É bom esclarecermos que nem sempre a energia significa vontade, isto porque, se estivermos usando muita energia nos atos automáticos, é possível que a vontade esteja adormecida.

Para que possamos adquirir uma vontade enérgica, porém refletida, convém desenvolver algumas capacidades de nossa mente, tais como: atenção, concentração, meditação e principalmente a perseverança, o fator decisivo de nossa evolução espiritual. Uma vista de olhos na literatura psicológica nos adverte que devemos fazer "esforços" contínuos, se quisermos vencer na vida; sem sacrifício nada chega às nossas mãos; a dor é o agulhão de nosso progresso e a ociosidade cansa mais do que o trabalho. Para a consolação de nossos espíritos, diz-nos que os bons nadadores desenvolvem-se mais nadando contra a correnteza do que a favor dela.

Estamos desenvolvendo idéias acerca da vontade humana. Como relacioná-la com a vontade divina? A nossa consciência tem algo de divino? Como ter a certeza de que agindo de livre e espontânea vontade, estamos obedecendo à vontade divina? Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos* oferece-nos uma luz quando desenvolve os capítulos relacionados com as leis divinas ou naturais. Diz-nos que a Lei Divina ou Natural está inscrita na consciência do ser. Portanto, se forjarmos a nossa consciência de acordo com as leis naturais, estaremos encaminhando as nossas ações para a prática do bem, o que implica na aproximação de nossa vontade com a vontade divina.

O entrave entre ser humana e divina dissipa-se quando tivermos uma percepção exata do que sejam essas leis naturais, porque os nossos atos livres

estarão sendo encaminhados para a prática das virtudes, o que trará como consequência uma ampliação de nossa liberdade e um maior conhecimento da divindade, que nos permitirá agir de acordo não só com os avisos de nossa consciência, mas sobretudo com os ditames de nossa consciência bem formada.

Cair, sim, porque é da natureza débil do homem; esmorecer, jamais, porque podemos pedir força a Deus através da prece.

Abril/1997

PERFEIÇÃO SIGNIFICA IMOBILIDADE?

Perfeição é tudo aquilo que cumpriu a sua função, que se acabou, que completou o seu ciclo. Olhando para a coisa perfeita, não se vislumbra mais nada a fazer. No âmbito da evolução espiritual, sempre que conseguimos atingir um estágio de progresso, outros se nos descortinam. Querermos que tudo funcione "direitinho", sem atrito, é como se estivéssemos diante de uma *paralisia*.

A **paralisia** pode ser vista sob diversos ângulos. Um deles é necessitar da aprovação dos outros para aquilo que desejamos fazer. Quando o outro nos aprova, instala-se uma quietude em nosso ser, dando-nos a falsa impressão de que estamos caminhando com perfeição. Ficamos, assim, sem perspectiva do que poderíamos melhorar. Jesus, por exemplo, não procurou a aprovação dos outros; muito pelo contrário, estava sempre envolto com a desaprovação, principalmente a dos doutores da lei.

Os **grandes benfeitores da humanidade** são aquelas pessoas que nos trazem uma idéia nova. São chamados de profetas, gênios ou missionários. Por discordarem do paradigma existente, são sempre combatidos, martirizados e muitas vezes queimados em praça pública. Há muitos exemplos na história da humanidade. A morte de Jesus, na cruz, é um deles. Além dos vários casos catalogados, quantos não há, daqueles que sofreram todo o tipo de sorte adversa, sem nenhuma alma amiga para testemunhar.

O progresso – material ou espiritual – sofre sempre a retaliação dos mais refratários. Isso acontece porque as pessoas, de um modo geral, são avessas à mudança. Quando algo novo surge, a nossa primeira reação é refutar, por medo, ignorância ou covardia intelectual. De qualquer maneira, somos obrigados a pensar no assunto. Se a questão levantada tem um cunho de verdade, mais cedo ou mais tarde, as pessoas envolvidas acabam aceitando-a. Em muitas organizações, uma idéia refutada acaba sendo implementada, como tese própria, justamente por aquele que a refutou.

Lembre-mo-nos de Galileu. Depois de descobrir, com o auxílio de sua luneta, que era a Terra que girava ao redor do Sol e não o contrário, foi obrigado a se retratar, porque a Igreja não aceitava tal assertiva. Posteriormente, acabou dizendo: "Mas que move, move". Isso mostra que devemos nos curvar ao novo conhecimento. O evangelho nos diz que deveríamos estar sempre prontos para qualquer tipo mudança. Apegar-se ao passado não é uma boa atitude, porque nos impossibilita de olhar para frente, de sondar o mistério que ronda os nossos passos.

O progresso é meio; a perfeição o fim. Como todos estamos a caminho, o erro é quase que obrigatório, pois o nosso agir gera atritos e desaprovações. Por que temer dizer não, se aquilo que nos pedem não faz parte de nosso projeto de vida? Locupletemo-nos de muita força de vontade e permaneçamos em nosso caminho, porque as convenções humanas estão sempre a nos ditar regras: o modo de vestir, de comer, de se divertir etc.

Platão nos falava das formas ideais, aquelas que existem num mundo das idéias. Busquemos esse mundo com todas as forças de nossa alma. Aí está o caminho da perfeição que não paralisa o nosso ser imortal.

Junho/2005

SOBRE O MITO

O MITO

O **mito** é uma palavra polissêmica. Admite tantas definições quanto a palavra cultura. Para Fernando pessoa, "o mito é o nada que é tudo". O mito pode, assim, ser visto como uma *alegoria*, um *símbolo* ou uma *tautegoria*. Tanto no sentido alegórico como no sentido simbólico, o relato mítico subentende outra coisa, e não precisamente o que está sendo dito. No sentido tautegorista, o mito é penas mito, só mito, nada mais do que mito. Quer dizer, o mito relata e expressa o que em verdade é; o mito não representa as coisas ou os eventos originados.

Os mitos podem ser divididos em "mitos *com* Criação" e "mitos *sem* Criação". Nos "mitos *com* Criação", admite-se o surgimento do Universo num tempo zero. Nesse caso, o Universo pode ter sido criado por Deus, emergido do Vazio absoluto, ou surgido da tensão entre a Ordem e o Caos. Exemplo: a criação bíblica, descrita em *Gênesis*, 1, 1 a 5. Nos "mitos *sem* Criação", não se admite

um tempo zero. Nesse caso, o Universo existe e existirá para toda a eternidade ou o Universo será continuamente criado e destruído, em um ciclo que se repete para sempre. Exemplo: o Universo pulsante do hinduísmo, no qual a Criação surge e ressurge ciclicamente através da dança do deus Xiva.

O mito relaciona-se com a história, a sociedade, a ciência, a religião, a psicologia etc. Escolhamos a psicologia freudiana. Freud deu nova orientação à interpretação do mito e às explicações sobre a sua origem e função. O complexo de Édipo é um exemplo clássico: para Freud, o mito do rei que mata o pai e casa com a própria mãe simboliza e manifesta a atração de caráter sexual que o filho, na primeira infância, sente pela mãe e o desejo de suplantar o pai.

O mito adquiriu ao longo do tempo e, mais precisamente na vida hodierna, um sentido figurado, ou seja, evoca a narração fabulosa e fictícia, contrária à verdade. Equivale a engano, falsidade. Essa interpretação corresponde a uma mentalidade racionalista, para qual somente a razão é capaz de expressar a verdade. Alguns exemplos: o mito do progresso ininterrupto, o mito marxista da vitória dos oprimidos, o mito do socialismo da cidade ideal, o mito do super-homem com a sua vitória sobre o espaço e o tempo, o mito da raça pura etc.

Os mitos estão de tal forma arraigados em nosso subconsciente que, qualquer esforço para expulsá-los, acaba incorrendo em novas formas míticas. Atraímos para nós o que combatemos. Façamos uma analogia com o professor de português, que comete os mesmos erros que combate nos outros. Embora haja enormes dificuldades para suplantar o mito, o trabalho – passar do mito à razão – iniciado pelos gregos, há 2.500 anos, deve ser enfatizado. Estejamos sempre atentos neste empreendimento.

O mito deve ser captado pela sensibilidade e não pela racionalidade. Quando a razão discursiva tenta interpretá-lo, acaba criando a alegoria, que é a tentativa de explicar o inexaurível, o inexplicável. Analisemo-lo sob a forma tautegorista, em que mito deve ser o mito somente o mito e nada mais do que o mito.

20/12/2006

MITO E MÍSTICA

Em **sentido próprio**, o *mito* significa uma fábula arquitetada pela fantasia humana para personificar entidades do espírito ou da natureza; a *mística*, a união do homem com Deus. Em **sentido figurado**, o *mito* é a atribuição de um valor absoluto a uma entidade relativa; a *mística*, representa uma dedicação passional a essa entidade.

Hodiernamente, os mitos e a mística são tomados no sentido figurado. Para bem entender a sutileza desta significação, devemos situar os mitos entre

a **realidade objetiva** e a **fantasia**. A **realidade objetiva** mostra o que a coisa é independentemente da observação do sujeito; a **fantasia**, sendo uma criação mental, distancia-se da realidade. Em outras palavras, os mitos atribuem um valor à realidade: eles não são como a verdade, que descobre valores.

Os **mitos** e a **mística** podem ser encontrados em todos os setores da atividade humana: na *Política*, na *Sociologia*, na *Educação*, na *Economia*, na *Religião* etc. Isso acontece porque a maioria de nós prefere uma situação cômoda diante da vida, ou seja, não nos propomos a problematizar o que se nos aparece diante de nossos olhos. Esta segurança aparente reflete-se na rotina e na fabulação. Pela *rotina*, praticamos atos mecânicos; pela *fabulação*, criamos imagens mentais destituídas de realidade objetiva.

Em **termos filosóficos e políticos**, há que se considerar o *existencialismo*, o *marxismo* e o *liberalismo*. O *existencialismo*, por exemplo, atribui um valor absoluto à existência atual, negligenciando as vidas passadas; o *marxismo* convida-nos a conquistar a justiça e a igualdade através da luta de classes; esquecem-se de que somos desiguais e por isso precisamos de níveis diferentes de renda; o *liberalismo* apoiando-se na espontaneidade deixa que cada um aja de acordo com a subjetividade de sua consciência; esquecem-se de que devemos agir de acordo com a consciência bem formada.

Em **termos práticos**, temos o *enriquecimento*, a *tecnologia*, o *sexo*, *cultura* e a *religião*. Somos impelidos a *enriquecer* e ter posição de destaque; caso não consigamos, somos desprezados pelos que o conseguiram. A *tecnologia* possibilitou ao homem o domínio da natureza; trouxe, porém o inconveniente de colocar a técnica acima de Deus. O *sexualismo* foi uma reação contra o puritanismo; descambou, contudo, para o sexo descontrolado. A *cultura* desenvolveu a inteligência humana; deslocou, entretanto, os atributos da inteligência e da potência divina, para a criação humana. A *religião* desenvolveu a crença em Deus; criou, contudo, uma idolatria que deturpou os sentimentos mais nobres da verdadeira mística.

Contra toda espécie de mitologia só há um remédio: dar à realidade, não os valores que nos agradam, mas o que por direito lhe são devidos. Ou seja, adquiramos o hábito de ver a realidade como ela é e não como gostaríamos que fosse.

Fonte de Consulta

LIMA, A. A. *O Existencialismo e Outros Mitos do Nosso Tempo*. 2. ed., Rio de Janeiro, Agir, 1956 (Obras Completas XVIII)

Novembro/2000.

O MITO E O RITUALISMO MODERNO

O **mito** pode ser visto no seu sentido próprio e no seu sentido figurado. Em seu **sentido próprio**, representa o esforço do homem para compreender o mundo e a si mesmo. São as descrições religiosas antigas, que expressam os modelos, os arquétipos da ação humana através dos atos originários dos "deuses" nos diversos campos. Em seu **sentido figurado**, evoca a narração fabulosa e fictícia, contrária à verdade. Nesse sentido, "mito" equivale a engano, falsidade. Essa interpretação corresponde a uma mentalidade racionalista, para qual somente a razão é capaz de expressar a verdade.

Dizemo-nos racionais e, muitas vezes, não percebemos o quanto de religioso, de mitológico e de ritual há em nossas ações mais triviais. Observe a nomenclatura dos dias da semana: todos os nomes foram retirados da mitologia. O domingo vem de Sol; segunda-feira, da Lua; terça-feira, de Marte; quarta-feira, de Mercúrio; quinta-feira, de Júpiter; sexta-feira, de Vênus; sábado, de Saturno. Além do mais, para cada um dos dias há uma simbologia ligada ao sistema planetário em questão.

A explicação científica dos mitos começa com o antropólogo inglês Friedrich Max Müller (1823-1900) que considera os mitos como descrição poética de fatos da natureza (tempestades, terremotos etc.). A Antropologia moderna prefere a teoria da Claude Lévi-Strauss, que reconhece nos mitos o reflexo de determinadas estruturas sociais dos povos primitivos. Na Renascença, Voltaire escreveu o seu *Édipo* (1718) para denunciar, por alusão, o poder do clero na França. No século XX, registra-se surpreendente ressurreição dos enredos e personagens mitológicas gregas. O complexo de Electra, por exemplo, é retratado nas obras de Hugo von Hofmannsthal (1903) e Robinson Jeffers.

O fundamentalismo expressa não só o ritualismo como também o fanatismo. Mas o que é o fundamentalismo? Toda e qualquer doutrina ou prática social que busca seguir determinados "fundamentos" tradicionais geralmente baseados em algum livro sagrado ou práticas costumeiras. Todo o fundamentalismo tende a uma absolutização do "eu" em detrimento do "outro". Observe a globalização americana: se os povos não a aceitarem "tecnicamente", os americanos apelam para o combate armado. Lembremos da caça ao Osama Bin Laden e Saddam Hussein.

A religião do individualismo é outro ponto a ser levantado. Esta religião está bem conectada com o capitalismo. A pessoa busca a satisfação do seu "eu", mesmo que para isso seja necessário pisar o seu próximo. Temos que ter riqueza e desfrutar do progresso econômico. A enorme discrepância na distribuição de renda pouco nos importa. Há também a agravante do ritualismo da descrença, ou seja, além de não respeitarmos a crença dos outros, acabamos não tendo crença alguma, caindo no materialismo exacerbado, tão prejudicial ao relacionamento entre as pessoas.

Procuremos usar a razão, mas sem sufocar os ímpetos da emoção e da intuição. É nas raízes da inspiração divina que obtemos a força moral para continuarmos a nossa tarefa neste mundo de provas e expiações.

Abril/2004

O MYTHO E O LOGOS

A tese da evolução linear do mito à razão não só é historicamente inexata como também não consegue explicar certos fenômenos culturais complexos. No caso extremo, o mito é rebaixado a uma fábula sem valor. É preciso ponderar sobre a dialética **mytho/logos**, pois já se afirmou que o homem é um ser mítico. Quer dizer, trazemos jungidos ao nosso psiquismo os condicionamentos das diversas narrativas fantasiosas e dos feitos das divindades do politeísmo.

Platão, na Antigüidade, parte da narrativa mítica para fundamentar o seu logos filosófico. Criava uma situação utópica, principalmente nas suas teses políticas, a fim de explicar uma realidade efetiva. Aristóteles, por outro lado, exclui a narração mitológica, enfatizando que a razão do filósofo, o logos, manifesta-se através das suas próprias estruturas discursivas: a argumentação, o raciocínio, a ordem lógica da demonstração.

A fronteira entre o *mytho* e o *logos* não é percebida com facilidade. Nesse sentido, a astrologia e as demais pseudociências do universo acabaram caindo no mito que combatiam. Vindas para desmorronar o sacrifício das religiões oficiais, terminam criando o cosmo como um grande *Anthropos*, um homem cuja inteligência reside no movimento eterno e harmônico das esferas celestes, cujos olhos correspondem ao Sol e à Lua e a cujos pés jaz a matéria, num jogo sutil de correspondências regido por um único tema que varia até o infinito.

O **mytho/logos** do cristianismo primitivo apresenta uma novidade: o logos se divinizou e ao mesmo tempo se personalizou a ponto de coincidir com a própria pessoa do fundador. Observe que o mito da Trindade provindo das grandes religiões da Antigüidade - como vemos na trindade egípcia formada por Osíris, Ísis e Horus - deu à Igreja a possibilidade de incluir o Cristo na Mitologia Cristã como a segunda pessoa de Deus, de maneira que a Igreja, fundada pelo Cristo segundo a interpretação católica-romana, podia se apresentar como instituição divina do próprio Deus em pessoa.

A ciência e o mito se degladiam, mas nem sempre com muita razão. A ciência pelo seu próprio objeto, que é baseado nos fatos e nas comprovações estatísticas, acaba desmitificando o mito. Acontece que a ciência elabora apenas com o sensível. Ignora que a narração, o mito, é um instrumento de expressão certamente diferente da argumentação lógica do logos, mas no fim o mito não é menos lógico, não é menos racional, nem está menos ligado a uma exigência e a um projeto de conhecimento.

A ambígua conexão do mito com uma dimensão temporal não pode nos tirar o ensejo de penetrar-lhe na sua profundidade. Vejamo-lo sem preconceitos e poderemos lançar-nos no campo mais vasto de nossa compreensão espiritual.

Fonte de Consulta

GIL, F. (Editor). *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985-1991.

Julho/2000

A SIMBIOSE MITO-LOGOS

A palavra **mito** tem um sentido próprio e um sentido vulgar. Vulgarmente, a sua noção está associada à idéia de alucinação, delírio, fantasia difícil de se realizar. Propriamente falando, a dimensão mítica do ser humano está vinculada à construção de sentido, sentido este que procura uma explicação para as suas necessidades vitais. Uma dessas necessidades refere-se à criação do mundo e dos seres humanos. O mito do Adão e Eva é um exemplo. Pergunta-se: o ser humano age sempre pela razão? Não será ele movido muito mais pela emoção? É possível separar uma coisa da outra?

Na antiguidade, o nascimento da filosofia – que dava ênfase ao logos – tinha por objetivo desconstruir a visão mítica – fantasiosa – do mundo. O dualismo se fez presente. Assim sendo, o mito é atraso, a filosofia traz o progresso; o mito é treva, a filosofia é luz; o mito é obscuro, a filosofia é clara; o mito é a ignorância, a filosofia o saber; o mito é imobilismo, a filosofia representa o progresso histórico; o mito é simbologia, a filosofia constrói argumentos.

A verdade, porém, é que há uma (co) implicação mito-logos. O ser humano é um misto de fé e de razão, de imaginário e de racional. Se dermos muita atenção ao sentimento, prejudicaremos a razão; se dermos muita atenção à razão, poderemos cair na mesma armadilha em que caiu Descartes, ao afirmar que é pela razão que conhecemos a Deus. O pensamento correto seria: somente depois de sentirmos Deus dentro de nós é que teremos condições de analisá-Lo à luz da razão, e não o contrário. Antes de ser racional, o ser humano é afetivo.

Transformemos a simbologia do mito em uma explicação racional. Vejamos o mito da criação bíblica, em que Deus, do pó da terra, fez o primeiro homem, Adão. Depois de moldá-lo, soprou-lhes a narina e deu-lhe vida. Explicação: o *húmus* da terra recebeu o sopro divino e se tornou *homo*. Em outros termos, a matéria (*húmus*) necessita do sopro (Espírito) para ter vida. A Doutrina Espírita acrescenta o Perispírito, elemento semimaterial próprio para a união entre Espírito e Matéria.

A percepção é um atributo do Espírito. À medida que avançamos na espiritualidade vamos, também, descortinando novos horizontes. O que ontem era prazer hoje é tempo perdido que precisa ser mais bem aproveitado.

Conforme alçamos os vãos do Espírito, vamos também nos sentindo mais isolados, mais distantes. Isso não pode nos entristecer. O importante é sabermos colocar cada coisa no seu devido lugar. Uma delas é perscrutar essa relação íntima entre o mito e o logos, entre a razão e a emoção, entre o aqui e o agora e o futuro que nos espera.

As palavras não valem por si mesmas; elas dependem de uma interpretação axiológica e contextual. Saibamos, assim, aproximar a nossa hermenêutica à hermenêutica própria de cada termo.

30/3/2007

OS MITOS E AS SUAS SIMBOLOGIAS

Os **mitos** podem ser entendidos como "transposições dramatúrgicas dos arquétipos, esquemas e símbolos, ou como composições de conjunto, epopéias, narrativas, gêneses, cosmogonias, teogonias, gigantomaquias, que já começam a deixar entrever um processo de racionalização". Mircea Eliade vê no mito "o modelo arquetípico para todas as criações, seja qual for o plano no qual elas se desenrolam: biológico, psicológico, espiritual. A função mestra do mito é a de fixar os modelos exemplares de todas as ações humanas significativas".

Compulsando um dicionário de mitologia, que não são poucos, encontraremos as descrições dos diversos mitos: Zeus, Héstia, Íris, Crono, Orfeu, Atlas etc. Muitos deles usados pela religião, pela psicologia e pela sociologia para explicar as suas teorias. Observe o mito da trindade egípcia (Osíris, Ísis e Hórus). Ele serviu de base para elaboração de muitos dogmas religiosos. A religião católica não ficou para trás e o utilizou no seu dogma da santíssima trindade, composto pelo Pai, Filho e Espírito Santo, as três substâncias que se fundem na unidade e que fazem de Jesus, o filho, ser ao mesmo tempo o Pai (Deus).

As descrições são de vários tipos: **Afrodite (Vênus)**, a deusa da mais sedutora beleza, cujo culto, de origem asiática, é celebrado em numerosos santuários da Grécia; **Ártemis (Diana)**, virgem severa, vingativa e indomável; **Centauros**, seres monstruosos da mitologia grega, cuja cabeça, braços e tronco são os de um homem, e o resto do corpo e as pernas de cavalo; **Cérbero**, o cão monstruoso, de múltiplas cabeças; **Hermes (Mercúrio)**, um dos símbolos da inteligência industriosa e realizadora; **Íris**, mensageira dos deuses, e, em particular, de Zeus e de Hera; **Zeus (Júpiter)**, organizador do mundo interior e exterior; é dele que depende a regularidade das leis físicas, sociais e morais.

As simbologias de cada mito resumem a conduta humana.

Zeus **simboliza** o reino do espírito, deus único; **Íris**, a ligação entre a Terra e o Céu, entre os deuses e os homens; **Hermes (Mercúrio)**, os meios de troca

entre o Céu e Terra; **Cérbero**, o terror da morte entre aqueles que temem os Infernos; **Centauros**, a dualidade fundamental do homem: matéria-espírito, instinto-razão; **Ártemis (Diana)**, a fecundidade; **Afrodite(Vênus)**, as forças irreprímíveis da fecundidade, não em seus frutos, mas no desejo apaixonado que acendem entre os vivos.

Nessa perspectiva de simbologia da alma humana, a psicologia acabou utilizando essa nomenclatura para explicar as falhas da conduta humana, geralmente expressas por complexos. Do mito do **Édipo**, criou o *complexo de Édipo*, que é o desejo do filho para com a mãe; do mito de **Electra**, cunhou o *complexo de Electra*, que é o desejo da filha para com o pai; do mito de **Zeus**, extraiu o *complexo de Zeus*, que é a postura do chefe autoritário, aquele que não admite discussão.

Desconfiemos da irracionalidade dos mitos. Lembremo-nos de que a racionalidade de Descartes surgiu de dois sonhos. Quem sabe não há muita sabedoria escondida por trás de cada narrativa mítica?

Fonte de Consulta

CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

Maio/2004

NOVA ERA

O modo de atuar e de refletir da humanidade segue as linhas do paradigma estabelecido num determinado período de tempo. Assim, para que haja uma mudança no modo de pensar do ser humano, este deve romper com o modelo antigo, caso contrário ficará escravo do passado.

De acordo com a astrologia, o planeta Terra está saindo da era de peixes e entrando na do aquário, considerada como a era da harmonia humana, de compreensão mútua e de desenvolvimento espiritual. Na mesma linha de pensamento, os esotéricos, os ocultistas e os religiosos de um modo geral acham que o ser humano, inserido no terceiro milênio, estará adquirindo o conhecimento das intuições espirituais, da psicologia do eu, da proeminência do bem sobre o mal.

Tomas Kuhn, cientista, historiador e filósofo, em *a Estrutura das Revoluções Científicas*, 1962, introduz-nos a idéia da mudança de paradigma nos seguintes termos: é uma nova maneira de pensar acerca de novos problemas; pode ser um princípio que estava presente o tempo inteiro sem que fosse de nosso conhecimento; não se pode acolher o novo paradigma a não ser que se abandone o antigo; novos paradigmas são recebidos quase sempre com hostilidade (como o foram, por exemplo, os de Galileu, Copérnico, Pasteur...)

O que significa a palavra paradigma? Para Kuhn, **paradigmas** (do grego, *paradeigma*) são realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante um período de tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes da ciência. Paradigma significa um esquema modelar para descrição, explicação e compreensão da realidade. É muito mais que uma teoria, pois implica uma estrutura que *gera* teorias, produzindo pensamentos e explicações e representado um sistema de aprender a aprender que determina todo o nosso futuro de aprendizagem.

A opção pelo sagrado ou religioso tem lugar de destaque na nova era. A religião não será apenas histórica ou dogmática, mas aquela em que o crente se apresenta como um perscrutador das coisas do espírito. O ser da nova era estará muito mais interessado em ser religioso do que ter uma religião. A opção pelo místico, pelo transcendental fará com que o indivíduo, embora vivendo neste mundo, não o seja daqui, pois estará se aprofundado no mais autêntico clima de vivência religiosa: a integração plena com os preceitos divinos do amor, da justiça e da caridade.

Para que possamos vivenciar plenamente os tempos da nova era, forçoso nos é adquirir as virtudes da paciência, da humildade e da mansuetude. Sem estas poderemos sucumbir ao peso das grandes responsabilidades.

Fonte de Consulta

RAEPER, W. e SMITH, L. *Introdução ao Estudo das Idéias: Religião e Filosofia no Passado e no Presente*. São Paulo, Loyola, 1997.

Maior/20001

O CORTEJO PAPAL É UMA ESPÉCIE DE IDOLATRIA?

O fato marcante, na primeira semana de abril de 2005, foi a peregrinação de mais de 4 milhões de pessoas, incluindo os católicos, os religiosos e os homens de Estado à Basílica de São Pedro, em Roma, para prestar as suas últimas homenagens ao Karol Wojtyła – Papa João Paulo II – (1920-2005), que ocupou o cargo por mais de 20 anos.

A questão que se levanta: o cortejo papal é uma espécie de idolatria?

Os antecedentes do papado encontram-se no concílio ecumênico de Nicéia (325), convocado para condenação do cisma de Ário – a doutrina que impugnava a divindade de Cristo. De lá para cá outros concílios surgiram e mais inovações desfiguradoras da pureza do Cristo foram acrescentadas, tais como o latim nos rituais, o culto das imagens, a confissão auricular, a adoração da hóstia, o celibato sacerdotal. Entre tais formulações de artigos, com caráter

de dogma, está a infabilidade papal, criada no século VII, pelo imperador Focas, que outorgou a Bonifácio a primazia de bispo universal.

O que se entende por idolatria? O dicionário Aurélio nos diz que é culto prestado a ídolos; amor exagerado. Ídolo é a tendência de se emprestar realidade a coisas que simplesmente se imaginam ou desejam. A Bíblia diz em Êxodo 20:3-4: "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra".

Por que gostamos de adorar imagens e pessoas? Por que as tornamos santas? Um psicólogo aventaria a seguinte hipótese: há um desejo gravado no subconsciente do ser que, no momento aprazado, vem à zona da consciência. Outros pensadores dizem que é o resultado de nossos automatismos, elaborados ao longo dos vários séculos. Ou seja, fomos ensinados a obedecer ao padre ou ao pastor, visto serem eles os representantes de Deus na Terra, as pessoas que nos devem ensinar o caminho do céu, a salvação de nossas almas. Para nós, contudo, a causa reside no fato de não sabermos pensar pela nossa própria cabeça.

Este papa tentou reaver algumas das pregações feitas por Jesus Cristo, no sentido de levar à população a idéia de humildade, de tolerância e de caridade para com o próximo. Visitou muitos países e contribuiu para o abrandamento da guerra fria. Saiu do alto de sua cátedra e convidou os pobres para comer com ele. Deixou-se fotografar e não teve vergonha de usar um par de tênis, para caminhar no bosque. Mas, apesar de suas ações santificantes, a estrutura papal continua a dominar a religião católica, principalmente na manutenção de seus dogmas e rituais.

Pensem pela nossa cabeça e eliminemos todo o tipo de idolatria que nada tem a ver com o nosso processo de evolução espiritual.

Abril/2005

ALEGORIA DO NOVO MUNDO

A crença na existência de uma terra desconhecida é uma constante nos escritos míticos e filosóficos. Na Antiguidade havia grandes textos como a *Odisséia*, a *Eneida* e os *Argonautas*. Posteriormente, quaisquer temas sobre o Novo Mundo eram comparados a esses heróis, que emprestavam à obra um ar de superioridade, de uma transcendência espiritual e filosófica.

A figura do herói é fundamental: é ele quem tem a audácia de romper as barreiras do sensível e penetrar no desconhecido. O herói, produto do conúbio de um deus ou de uma deusa com um ser humano, simboliza a união das forças celestes e terrestres. Sendo meio homem e meio deus, consegue

penetrar nas entranhas da Terra, voar aos céus, subir montanhas, descobrir tesouros escondidos etc. Para ele nada é impossível, pois tem o apoio dos deuses e dos mensageiros do além.

Perscrutando a história, observamos a presença de muitos heróis e seus respectivos feitos. Entre os mais recentes, citamos: *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (1572), que representam uma verdadeira atualização da *Eneida*; a descoberta da América por Cristóvão Colombo, em que este é considerado um predestinado, ou seja, um ser submetido à fatalidade; a invenção do telescópio por Galileo, que com esse aparelho consegue ampliar a nossa visão de mundo, diminuindo a distância dos objetos no Universo.

A grande dificuldade dos heróis: incompreensão, negação e esquecimento por parte de seus pares. Quer seja celebrado ou menosprezado por sua pátria, o herói descobridor é maldito como Prometeu, como Tífis que morre antes do final da expedição, como Colombo que é levado para a Espanha acorrentado e aviltado. Galileu teve que renunciar às suas descobertas científicas para não morrer sob a espada de Igreja. De modo que a população nunca esta preparada para receber um novo conhecimento. Falta-lhe a perspectiva do gênio, a visão daquele que entrou em contato direto com essa nova descoberta.

G. B. Marino, no seu livro *A galeria*, compara Galileo a Tífis e a Colombo em um soneto, que o conclui assim: "Mas tu, maior que um e que outro, ousaste explorar os campos secretos e inacessíveis do Mundo das Estrelas. E penetrando nesses recantos desconhecidos subeste encontrar no seu seio profundo novas esferas, novos astros e novos sistemas". Com isso, quer nos convidar a um olhar utópico sobre a vida, no sentido de buscar algo acima de nossas cabeças.

Deixemos o nosso pensamento vagar por esse mundo inexplorado. Que maravilha. Não mais as trevas da Terra, mas a luzes do conhecimento superior invadindo a nossa mente e tomando conta do nosso proceder.

Junho/2005

CAVERNA DE PLATÃO: PEQUENA REFLEXÃO

Platão, no livro VII de *A República*, descreve, em forma de diálogo, a "Alegoria da Caverna". Ele coloca, desde a infância, alguns homens com o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só vêem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Tudo o que

vêm são sombras do mundo real. A partir de um certo momento, um deles (o filósofo) se vira e vai ao encontro da luz (conhecimento). Uma vez adquirido o conhecimento, sente-se no dever de voltar ao antro escuro e auxiliar os que lá ficaram. Contudo, será incompreendido.

O que se pode extrair deste texto? A caverna mostra a nossa ignorância, a nossa vida voltada para as coisas materiais, para tudo o que é sensível. Para nos libertarmos desse *status quo*, convém estimular o nosso interesse pelo mundo novo, por novas idéias. Essa busca, entretanto, exige um esforço por parte do aprendiz, no sentido de este focar as coisas mais excelsas de uma realidade espiritual. Não basta apenas procurar; necessário que se saiba o que procurar.

Para uma boa compreensão desse relato mítico, lembremo-nos de que Platão sempre se referia a um mundo das idéias, das essências, localizado no *topus uranus*, de onde a alma vem para fazer a sua caminhada terrestre. Essa busca do outro mundo, daquilo que não se vê materialmente, fundamenta a sua teoria das idéias. Neste relato há também um fator pedagógico: a educação do ser humano deve enfatizar a obtenção das virtudes, do sumo bem, fatores relevantes da ascensão espiritual.

Conscientizar o ser humano de sua ignorância é o ponto central da verdadeira educação. Às vezes nos demoramos nos prazeres do mundo material e desviamos-nos de nossa meta, daquilo para o qual a nossa alma foi talhada, comprometida. Como é fácil propender para esse desvio, pois há uma avalanche de sugestões à cobiça, à sensualidade, à busca do poder e de prestígio, a educação deve ser constante. Assemelha-se ao "orai e vigiai" que tanto Jesus nos aconselhou em suas predicas evangélicas.

A caverna mostra também a necessidade de extirparmos aquilo que de ruim existe em nós. Como podemos nos modificar se não temos consciência do lodo que há dentro de nós? Como obtermos a luz se há prazer em ficarmos no escuro? Não importa se este lampejo vem-nos através da dor, do desespero ou da decepção. Cabe-nos, sim, entronizar o ocorrido e procurar a transformação para o bem, para o justo, para o correto. Por isso, o cuidado que devemos ter com o teor de nossos pensamentos mais íntimos. Eles são as molas propulsoras de nossas ações.

Saiamos da caverna e busquemos a luz, não qualquer luz, mas somente aquela que possa auxiliar a nossa caminhada espiritual rumo à perfeição do nosso espírito imortal.

Março/2006

TAOÍSMO

TAOÍSMO

O **taoísmo** é uma doutrina filosófica e religiosa fundada por Lao Tse, que viveu na China provavelmente no séc. VI a.C., a quem se atribui o *Tao Te Ching*, isto é, o *Livro do Caminho e da Virtude*. De acordo com o seu monismo panteísta, o Tao é o caminho para a salvação e o princípio eterno do qual procedem todos os fenômenos. Além desse monismo, sobressai, também, a ética do *não-fazer*, ou seja, a entrega à ação imanente do princípio cósmico e a renúncia em interferir nele ou obstá-lo.

O taoísmo surgiu como oposição ao caráter racionalista, terreno e prático do ensinamento de Confúcio. Contudo, a partir da chegada do Budismo, o taoísmo passa a sofrer de complexo de inferioridade. Por um lado, o confucionismo obriga-o a renegar as práticas ocultas e os deuses populares. Por outro, o budismo submete-o a uma pressão intelectual à qual ele é incapaz de responder. O taoísmo ultrapassou os limites geográficos da China e chegou no ocidente. Nesse mister, Holmes Welch, em 1957, contava 36 traduções inglesas do *Tao Te King*, enquanto não existia nenhuma crítica completa sobre o taoísmo.

Embora o *Tao Te King* proclame a supremacia do nada sobre o ser, do vazio sobre o pleno, isso não pode ser interpretado como uma negação da vida. Em sua doutrina prática, traça como objetivo último a salvação da alma ou a imortalidade do ser. Para tanto, há numerosos procedimentos, desde a alimentação frugal até os exercícios de meditação profunda. Para o taoísmo, a imortalidade refere-se à renúncia aos desejos, à posse, ao dinheiro etc. Os seus adeptos devem seguir o fluxo dos acontecimentos, sem forçar para que as coisas aconteçam dessa ou daquela maneira.

O taoísmo instrui, também, sobre a guerra, em que todo o combatente deve estar sujeito ao princípio único, ou seja, deixar que o efeito se produza por si mesmo. Assim, o general não deve atacar frontalmente o inimigo, mas ir lentamente o isolando até que ele se considere vencido. Quer dizer, ir analisando pormenorizadamente o adversário, verificando o seu ponto fraco, de modo que quando o atacar, a vitória será imediata. Em outra ocasião, fala que o general deve levar os seus comandados para uma situação, sem recuo, tal que: ou lutam ou morrem.

O taoísmo evoca a liderança construtiva. Nesse mister, faz uma alusão à água, pois esta se amolda em qualquer recipiente. Do mesmo modo o líder, ele deve ser flexível e seguir sempre a liderança do grupo, no sentido de beneficiar a tudo e sem querer que as coisas tomem um determinado rumo. O líder deve

agir como uma parteira que, depois de ver o nascimento da criança, deixa-a por conta dos seus progenitores. Ele deve auxiliar o processo de crescimento do outro, mas sem se intrometer na sua execução.

O taoísmo é uma filosofia que estimulou muitos escritores ocidentais. Com sua simplicidade e coerência, abre enormes campos de reflexões, em que podemos fazer comparações entre a racionalidade ocidental e o misticismo oriental.

Fonte de Consulta

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ELIADE, M. e COULIANO, I. P. *Dicionário das Religiões*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Novembro/2004

PRINCÍPIO ÚNICO

De acordo com o Taoísmo, a palavra Tao, que significa Deus, não pode ser definida, mas conhecida. Tao quer dizer "como", como as coisas acontecem, como elas funcionam. Tao (Deus) é o princípio único. Conhecer a Deus é conhecer o princípio único. A criação é um processo que, embora seja distinto do princípio único, dele não pode ser separado. Pode-se dizer que o princípio único é uma espécie de atitude, de postura assumida frente à vida, junto ao próximo e com relação a todas as coisas.

A pessoa que tem em mente o princípio único, age em função do seu centro. Ele fixa metas, deveres e trabalhos de acordo com o seu "eu" interno. Não faz as coisas para agradar ao superior ou mesmo pisotear o inferior. Também não age de acordo com os interesses próprios. Forja de tal maneira a sua alma num objetivo único e não se desvia dele por qualquer contratempo do caminho, sofrendo por isso toda a sorte de contrariedades. Sabe que a dúvida, no plano externo, pode auxiliar a experimentação, mas a hesitação no plano íntimo é dissolvente de nossas melhores energias.

O princípio único deve ser captado através da meditação e da tomada de consciência. Para tanto, devemos nos manter abertos ao que estiver acontecendo aqui e agora. Questão: o que está acontecendo com o grupo quando nada acontece? Este é o campo de ação do grupo. O processo de meditação mostra-nos que só o fato de tomarmos consciência do que está acontecendo, leva-nos para a boa condução do grupo. Se surgirem problemas, eles se resolverão pela tomada de consciência e não pela atuação do nosso personalismo.

O preconceito é um entrave à percepção do princípio único. Por que? O preconceituoso é um indivíduo que forma antecipadamente um sistema de

valores e atua segundo ele. Como o faz previamente, quer que tudo se ajuste ao seu modo de pensar. Acontece que as coisas são o que são; não podemos mudá-las a nosso bel prazer. A verdade não pode ser contestada; ela deve ser intuída. Assim, o líder judicioso não exige que as coisas aconteçam deste ou daquele jeito, mas mantém sua mente aberta para o que estiver acontecendo, quer seja agradável ou não.

Meditemos, também, sobre o paradoxo da renúncia. Renunciando ao que somos, tornamo-nos o que poderíamos ser. Renunciando ao que temos, recebemos o de que precisamos. Ao ceder, resistimos. A linha da polaridade é científica: se alguém exagera em se tornar famoso, acaba por ser desprezado; a preocupação de se embelezar torna feia uma pessoa. Aceitando-nos tal qual somos, promovemo-nos para a realização de nossa plenitude, que é o fornecimento da seiva da vida a todos os viajantes desse planeta de provas e expiações.

Fixemos nosso olhar em Deus. Não permitamos que a dúvida, o desânimo e todas as forças contrárias ao bem nos distanciem de tarefa que temos de realizar.

Fonte de Consulta

HEIDER, John. *O Tao e a Realização Pessoal*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Cultrix, 1990.

Outubro/2004

O TAOÍSMO E OS SEUS PARADOXOS

Tao quer dizer caminho, natureza. Esta palavra foi tirada dos ensinamentos de Lao-Tse (que viveu na China provavelmente no séc. VI a.C.), a quem se atribuiu o *Tao te Ching*, isto é, o *livro do caminho e da virtude*. Em oposição ao caráter racionalista do ensinamento de Confúcio, Lao-Tse enveredou-se pelo ensinamento místico, religioso e contemplativo, em que a *não-resistência* assume importância capital. Presentemente, serve de estímulo aos líderes, tanto religiosos como políticos.

A **água**, na filosofia taoísta, tem papel relevante. De acordo com Lao-Tse, a água é fluida, flexível e, por isso, adapta-se a qualquer situação, penetra nos poros e faz drenagem na terra. Ela se desloca para os lugares mais baixos, criando assim o símbolo da *submissão*. Nesse sentido, o homem do Tao deve ser humilde e ocupar o último lugar. Esta maneira de ver o mundo cria uma desordem no homem racional do ocidente, pois este quer, a todo o momento, aparecer nas páginas do jornal, mesmo que seja à custa do crime.

A filosofia taoísta ensina-nos muito sobre a **transparência**. Pergunta-se: que sensação teríamos se, ao levantarmos pela manhã, todos os que convivem conosco entrassem em contato direto com os nossos pensamentos mais

íntimos, e descortinassem o nosso modo de agir? Se todos souberem o que todos pensam seríamos mais honestos para com os nossos semelhantes. Poderíamos facilmente parar de nos preocupar conosco mesmos, pois aceitaríamos naturalmente tanto o fracasso como o êxito. A nossa função seria apenas tomar consciência do que se nos apresenta aqui e agora.

Seguir a **força do grupo** é outra recomendação do Tao. Nada de querer que as coisas sucedam como desejamos; desejemo-las tais quais são. Para facilitar este trabalho, Lao-Tse recomenda: cortar a lenha na direção do veio, fluir com a correnteza do rio e içar velas ao sabor do vento. Quer dizer, não force para que as coisas aconteçam; espere o momento oportuno. O intrigante é que mesmo nada forçando, tudo se realiza. É daí que emerge a atividade fecunda de um grupo de trabalho, de um grupo de estudo, pois cada participante sente-se responsável pela realização geral.

O Tao prescreve a **não formulação de projetos**, de planos, nem mesmo da luta entre virtude e vício. Para o taoísmo, o que importa é a surpresa que a vida nos oferece a cada momento. O planejamento meticuloso de tudo o que formos fazer impede-nos de penetrar na essência do Tao. Deixando tudo por conta da natureza, da sabedoria divina, teríamos mais chance de obter o êxito, pois faríamos tudo dentro de um plano superior, que sabe melhor do que nós o que é importante para a nossa evolução espiritual.

Tomemos consciência do nosso estado mental e emocional. Somente assim construiremos um futuro cheio de paz e harmonia.

Fonte de Consulta

WATTS, Alan. *Taoísmo: muito além da busca*: os transcritos editados. Tradução de Maria Beatriz Penna Vogel. Rio de Janeiro: Fissus, 2002.

Marçao/2005

O PENSAMENTO OCIDENTAL E O TAOÍSMO

O **Tao** é nome que se dá aos ensinamentos veiculados por Lao-Tsé, há 2.600 anos, na China, no livro *Tao-Te-Ching*. De acordo com o seu autor, o Tao não pode ser definido, apenas conhecido, pela mesma razão com que não podemos definir Deus. O livro foi escrito numa única noite, como resposta ao homem da fronteira, que lhe pediu para ensinar tudo o que sabia da vida. Diz-se que quando Lao-Tsé escreveu o livro ele estava mais do que inspirado, ele estava iluminado. Ao longo de todo esse tempo, esse livro foi traduzido para várias línguas, servindo de subsídio para muitas filosofias e religiões.

Os ocidentais têm muita dificuldade de compreender o modo de atuar dos orientais. É que nossa cultura foi formada à beira do mar (Mar Mediterrâneo),

em que imperava a racionalidade dos gregos, tais como Sócrates, Platão e Aristóteles. Assim, para os ocidentais a busca da verdade deve passar necessariamente pela argumentação, pela análise e pela dedução. Os chineses não têm essa preocupação; o conhecimento da verdade vem pela intuição, pelo não-atoar, por deixar a realidade se mostrar.

No que tange à **arte**, o mundo ocidental reteve as partes da eficácia e segue voltado para o valor monetário, ou seja, para a materialização dos arrebatamentos do sentimento. Contudo a arte, na sua acepção mais acurada, é tornar consciente o que está no subconsciente. Nesse sentido, os chineses estão mais perto da verdadeira arte porque não evocam a personalidade e a individualidade como os ocidentais, mas radicalmente a paisagem, que é impessoal e mais próxima da natureza.

A metáfora da água é um dos símbolos mais ventilados no taoísmo. Enquanto nós, ocidentais, estamos à procura da erudição e da eficiência, os chineses se desenvolvem por meio do *wu-wei* (natureza) e do *tzu-jan* (espontaneidade). Eles não buscam o saber; isso é algo que emerge da situação, em virtude de uma *não-ação*, que não quer dizer inação. Por isso, o repouso do sábio assemelha-se à água. Quando a água está límpida e quieta, ela espelha melhor o seu conteúdo. Se estiver turva e agitada, não conseguimos ver mais nada. Do mesmo modo, o sábio precisa de repouso e tranqüilidade para espelhar toda a sua sabedoria.

Os chineses não confundem atividade com a agitação. O fato de uma pessoa ficar à beira do lago, sem nada fazer, não significa que esteja inativo. Ele pode simplesmente estar captando idéias, absorvendo forças e energias do cosmo, que lhes poderão ser úteis no momento aprazado. Para eles, basta que tomemos consciência do que se nos acontece aqui e agora, sem qualquer tipo de intervenção. As coisas simplesmente devem acontecer; o nosso trabalho consiste em observar, sem julgamento, e esperar a lei do retorno, pois a dualidade ou a separação não existe. As coisas formam um todo harmônico.

Em vista disso, não devemos nos preocupar com o fracasso e o sucesso. Eles não são dicotômicos; fazem parte da atividade humana. E, se assim pensarmos, iremos a qualquer lugar, sem medo do desconhecido.

Fonte de Consulta

RACIONERO, Luis. *Textos de Estética Taoista*. Madrid: Alianza, 1983.

Março/2005